

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

PEDRO AUGUSTO BERTOLINI BEZERRA

**FORMAS DE RESISTÊNCIA NA PERIFERIA DE SÃO PAULO:  
O BAIRRO DE PERUS E A FORÇA DA MEMÓRIA NOS  
MOVIMENTOS SOCIAIS**

São Paulo  
2011

PEDRO AUGUSTO BERTOLINI BEZERRA

**FORMAS DE RESISTÊNCIA NA PERIFERIA DE SÃO PAULO:  
O BAIRRO DE PERUS E A FORÇA DA MEMÓRIA NOS  
MOVIMENTOS SOCIAIS**

Trabalho de Graduação Individual  
apresentado ao Departamento de  
Geografia da Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo para obtenção  
do título de Geógrafo.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Léa Francesconi

São Paulo  
2011

## **Agradecimentos**

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para a conclusão deste trabalho que vem se desenrolando desde os primeiros anos da graduação e hoje sinaliza seu fim.

À Professora Doutora Léa Francesconi por me acompanhar neste percurso desde o início da graduação e ser uma das maiores incentivadores em relação as minhas atividades acadêmicas.

Aos demais professores que contribuíram nos debates e principalmente com as “pulgas atrás da orelha”, dentre eles Heinz Dieter e Élvio Martins.

À Flor e a todos os freqüentadores do Laboratório de Geografia Urbana.

Aos membros do grupo de estudos Geograficidade Paulistana, Alexandre, Carlos, Fernando, Rogério, Ramon, Henrique, Márcio e Melanie, pois juntos aprendemos brincando a fazer Geografia.

Aos membros nas comissões da Revista Paisagens.

Aos amigos Alê, Fer, Ramon e Garça, palmeirenses nas horas boas e más.

Aos meninos do “Lar dos Fanfarrões”, Manoel, Saulo, Luizão e Daniel, por terem compartilhado comigo ótimos momentos de fanfarrice.

Aos amigos de intercâmbio realizado em Portugal que proporcionaram uma experiência fantástica de vida.

À Maria Helena, mãezona e tutora intelectual, e ao meu pai Márcio que me iniciou na arte da Geografia e do Palestra. Educadores que admiro por nunca terem desistido de seus ideais.

À Regina, por ser uma irmã de verdade, na bagunça e na pentelhice.

À Gabriela, que mesmo longe esteve sempre ao meu lado, e hoje mais companheira ainda.

À vó Assunta e ao vô Gentil, pelo carinho, pelas histórias e pelas comidas.

À vó Ângela e vô Zezinho, que hoje não estão mais aqui, mas que estariam muito orgulhosos.

A toda minha família que aos finais de semana proporcionaram ótimos cafés.

Dedico esse trabalho aos meus pais, que me ensinaram através do amor a viver, aproveitando os bons momentos e aprendendo juntos a atravessar os ruins. Aprendemos muito bem!

## Sumário

1. Introdução.....	2
2. O bairro de Perus e a Metrópole.....	7
2.1. Sítio urbano e situação de Perus.....	7
2.2. Formação histórica de Perus.....	12
2.3. As Mobilizações em Torno da Fábrica.....	15
2.4. Urbanização e Industrialização – a transformação da cidade em metrópole.....	19
2.5. Relação entre o processo urbano-industrial de São Paulo e Perus.....	22
3. Memória e identidade – permanências na metropolização.....	27
3.1. A reprodução das identidades locais.....	27
3.2. As permanências na paisagem e a memória como resistência.....	31
4. Os movimentos sociais e a metrópole – o resgate da memória.....	36
4.1. A Igreja Católica e libertação dos excluídos.....	37
4.2. O Sindicato dos Queixadas e a busca da Firmeza Permanente.....	40
4.3. A educação na construção do lugar.....	45
4.4. Os jovens e suas mobilizações.....	47
5. Considerações finais.....	51
6. Referências Bibliográficas.....	54

# 1. Introdução

O trabalho que aqui se inicia trata de questões e inquietações que permearam grande parte de minha vida acadêmica e guiaram muitas das decisões e escolhas no âmbito das disciplinas cursadas, pesquisas realizadas e grupos de estudos nos quais pude participar durante os anos de graduação.

Esta proposta de estudo foi tomando forma logo nos primeiros anos da graduação, unindo inquietações particulares de minha vida fora da universidade relativas ao lugar que moro, a novos questionamentos surgidos a partir de leituras e trabalhos realizados na faculdade, e que posteriormente tornou-se em parte objeto de estudo de Iniciação Científica realizado por dois anos. A Geografia Urbana, área específica do conhecimento geográfico dentre o grande arcabouço teórico existente na Geografia, foi a seguida neste momento em que se propõe uma sistematização do conhecimento adquirido.

As cidades abrigam na atualidade a maior parte da população mundial, e o modo de vida urbano se instaurou de tal maneira que chegou a todos os lugares, ultrapassando inclusive os limites da cidade. O urbano vai moldando as atitudes, as práticas sociais e adentra inclusive nos desejos humanos, é a instauração de um cotidiano que na verdade busca a integração dos circuitos monetários na busca da reprodução ampliada do capital.

Esta característica implica, dentre outros fatores, no processo intenso de modernização que a cidade foi sofrendo no seu desenvolvimento histórico. Cabe aqui ressaltar que entendemos por modernização, as atualizações das estruturas materiais relativas à produção e ao consumo, ou seja, como o progresso técnico se insere na produção social do espaço. Este período é caracterizado pela intensidade das transformações em todos os âmbitos da vida. Porém modernizar não significa necessariamente desenvolvimento, como é o caso dos países e cidades subdesenvolvidas, onde há, em determinado período da história, um amplo processo de modernização que não elimina as desigualdades existentes.

A partir desta contextualização que se inicia na esfera do universal abstrato, partimos para a especificação do particular concreto que caracteriza esta pesquisa. Este trabalho evidencia o bairro de Perus, localizado a extremo noroeste da cidade de São Paulo, como espaço de investigação. A partir de uma perspectiva histórico - geográfica, analisamos o quanto da memória da população de Perus permanece viva naquele lugar e o quanto isto pode influenciar o modo de vida dessas pessoas, em suas lutas e a construção de um pensamento

acerca do lugar que habitam e constroem.

A modernização vivida pela cidade de São Paulo evidente no decorrer do século XX foi remodelando a cidade de acordo com seus pressupostos urbano-industriais, construindo, dessa maneira, a metrópole paulista. Inserido nessa dinâmica, Perus acabou se tornando um típico bairro periférico, com todos os problemas característicos de tais áreas como falta de moradia para a grande parcela de migrantes vindo em busca de trabalho, altos índices de violência, problemas relacionados ao saneamento básico, a educação e a saúde pública.

A ocupação da área deu-se inicialmente a partir da instalação da Estrada de Ferro São Paulo Railway no final do século XIX, onde foi se formando um pequeno aglomerado de casas intitulado por Langenbuch de povoado-estação (p.104, 1971). A construção da Fábrica de Cimento Portland Perus em 1926 impulsionou uma maior aglomeração de pessoas em Perus.

A Fábrica de Cimento constituiu-se como fator primordial da vida daquelas pessoas, imprimindo um ritmo a eles, o ritmo do trabalho. A organização social e espacial do lugar passa a seguir esta lógica.

A organização dos trabalhadores da fábrica nos anos de 1960 teve um grande impacto para a sociedade, pois realizaram a greve mais longa que se tem registro no país, sete anos, por motivos salariais e de melhoria da qualidade de vida.

Influenciados por este e outros fatores, atualmente muitos dos movimentos populares do bairro, organizados ou não, utilizam fatos históricos presente na memória como marca de suas lutas e reivindicações, principalmente os relacionados à Fábrica de Cimento Portland Perus e da greve dos anos de 1960. A figura do morador unido, das relações de proximidade verificada no bairro anteriormente, do operário organizado em torno de suas lutas, é retomada como ideal de sociabilidade na atualidade.

Partimos da hipótese de que memória aparece como um substrato da organização coletiva do bairro, e se torna o principal meio simbólico de afirmação de uma identidade baseada em aspectos da vida cotidiana em que a sociabilidade e a força de união dos moradores se apresentam como maior artifício de suas lutas.

Durante a realização da pesquisa, os pressupostos que embasaram sua realização, as hipóteses, as idéias, as perguntas acerca do objeto questionado eram inúmeras e continuam sendo, porém não são estáticas e irreversíveis. No decorrer das leituras, dos trabalhos de campo realizados, das conversas com populares, nos deparamos com eventos inesperados que quebraram seqüências e hipóteses, tornando o caminho da pesquisa cheio de obstáculos a

serem superados, mas também com eventos já esperados que comprovam idéias já formadas acerca dos objetivos. Essa dinâmica que a maioria das pesquisas apresenta torna o “processo produtivo” do conhecimento mais instigante e o desvendar a realidade vivida se torna um elemento a mais em nossas vidas.

Cabe então apontar todos os agentes que, como fontes imprescindíveis à pesquisa, contribuíram para a sua concretização. Além das leituras realizadas, os trabalhos de campo foram fundamentais para a elucidação das questões aqui postas. Destaco a participação em eventos organizados pela comunidade local como o Café Filosófico, a noite das Lutas Operárias, as festas realizadas pela Paróquia Santa Rosa de Lima, além das entrevistas ou conversas realizadas com alguns moradores as quais pontuaremos mais adiante, pois merecem destaque pela contribuição oferecida.

Para fundamentar os questionamentos acerca do objeto de estudo e embasá-lo teoricamente, foi necessária uma revisão bibliográfica consultada durante o processo de pesquisa. Foram encontrados alguns trabalhos acadêmicos que possuem como objeto de estudo Perus e a Fábrica de Cimento Portland Perus, tanto no campo da Geografia como em outros campos do saber.

A base teórica geográfica também foi fundamental para a orientação do trabalho, e entraram em cena os aspectos referentes à Geografia Urbana para a compreensão da dinâmica da cidade e da metrópole, nesse caso, São Paulo. Para o entendimento da construção da cidade de São Paulo e seu processo de metropolização foram utilizados os trabalhos de Langenbuch (1971), que apresenta a partir de uma perspectiva histórico-genética, a conformação espacial da metrópole; Damiani (2004), que parte de uma perspectiva intitulada “Urbanização Crítica” para o entendimento das relações de produção do espaço da metrópole inserida em um processo de fragmentação do espaço; e Seabra (2003, 2004) ao discutir o processo de constituição-configuração-transfiguração do bairro na formação desta metrópole, além de outras fontes teóricas não menos importantes que acrescentaram substancialmente as informações.

Devemos justificar logo de início a escolha do termo bairro para designar o espaço de investigação escolhido, explicando a utilização ao longo do texto deste termo.

Entendemos o bairro a partir da metamorfose que a cidade sofre ao se transformar em metrópole, encontrando seu lugar no processo de urbanização. Assim devemos compreender o bairro em sua historicidade, e só faz sentido pensar no bairro a partir de sua totalidade que é a cidade, ou seja, se apreendermos que há uma mutação da cidade em

metrópole, o bairro no nível prático social, caracterizado pelas relações de proximidade, foi suprimido e fragmentado, integrando-se na trama cada vez mais densa que é a metrópole.

Porém, popularmente, a denominação bairro ainda é a mais corrente para designar o lugar que habitam. Os moradores ao serem questionados em que bairro moram respondem prontamente “Perus”, e não o nome das unidades mais elementares que hoje o compõe, desta forma a todo momento que nos referirmos ao bairro estamos falando de Perus.

Outro ponto a ser ressaltado é a distinção entre o distrito de Perus e o bairro de Perus. Apesar de ambos exprimirem a mesma área, o primeiro representa a forma institucional pela qual o território é organizado e controlado, e o segundo representa essa concepção de lugar do convívio social, da parcela mais diminuta de organização social.

Ao retratar essa dinâmica encontrada em Perus, onde a população busca a recuperação de uma memória coletiva do bairro como mote para suas lutas, buscamos fundamentar teoricamente essa dinâmica a partir dos conceitos de identidade e de memória, com teóricos que fogem do escopo da Geografia, mas que contribuíram para a elucidação dessas temáticas como os trabalhos de Castells (2008), Hall (2006) e Bosi (2003).

Partimos da noção de identidade como marca da participação, de pertencimento de uma população a um grupo social ou a um determinado lugar. Essa identidade, que é definida historicamente a partir das relações sócio-culturais, encontra-se atualmente dispersa ou fragmentada, estamos diante da cidade globalizada, porém há em determinados momentos uma reafirmação de algumas características identitárias impulsionadas por este contexto, elas se tornam mais posicionais, mais políticas, mais diversas.

Nesta perspectiva, a memória passa a representar uma alternativa a fragmentação, pois se apresenta como uma resistência a reprodução das relações sociais de produção, e ao mesmo tempo busca uma alternativa a essa realidade via a ação dos movimentos sociais.

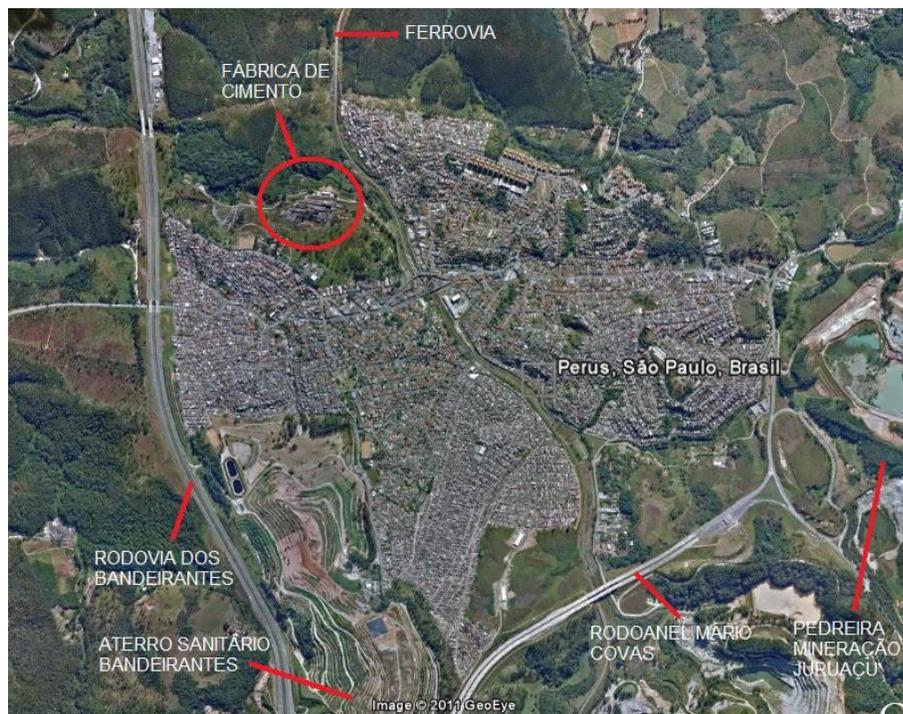
Na tentativa de exemplificar essa realidade verificada, destacamos quatro grupos que utilizam e utilizaram a memória em suas ações como forma de resistência a lógica dominante: são elas a Igreja Católica, o antigo Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Cimento, Cal e Gesso e Perus, a escola e grupos relacionados a educação e os jovens. Para a inserção na realidade vivida por esses grupos destacamos a realização de entrevistas com o padre da paróquia local, Matheus; com o presidente do Sindicato, Sidnei; e com estudantes do ensino médio de uma escola estadual do bairro.

Um fator talvez fundamental na escolha do objeto de estudo, como já salientado, está

atrelado a minha condição de morador da cidade de São Paulo e mais especificamente do bairro de Perus. Sendo assim presenciei em diversas ocasiões e em diferentes momentos de minha vida, uma forte relação entre os movimentos sociais e a história da Fábrica de Cimento, como também pude participar de diversas realizações, como por exemplo, quando aluno da escola pública do bairro em que os professores trabalharam ativamente a rememoração da história do bairro, inclusive realizando estudos de meio. A oportunidade de estudar a realidade em que estou inserido, amparado pelo grande arcabouço teórico que a universidade fornece, amplia a capacidade de entendimento das contradições existentes no plano do real e contribui incisivamente para uma atuação fundamentada que busque a refutação do status quo, da lógica reprodutiva das relações sociais de produção, ou mais diretamente, que ajude a população a viver de forma mais digna por meio do conhecimento do lugar em que estão inseridos.



IMAGEM 1: Localização de Perus



Legenda: A imagem mostra a situação urbana do bairro se Perus. Nota-se a linha de trem da CPTM cortando o bairro, que se encontra cercado pela Rodovia dos Bandeirantes a oeste, pelo Rodoanel Mário Covas a sudeste, pelo Aterro Sanitário Bandeirantes e pela pedreira.

Fonte: Google Earth. Adaptado por Pedro Augusto Bertolini Bezerra. 2011.

Em relação às características morfológicas do terreno, Perus se encontra no chamado rebordo granítico-gnaissico que envolve a bacia sedimentar de São Paulo. Seu embasamento de rochas cristalinas e cristalofilianas é o responsável pela irregularidade de sua forma, onde se pode encontrar vários morros, incluindo uma proximidade com o Pico do Jaraguá postado a aproximadamente 5 quilômetros a sudeste e se torna um ponto de referência, podendo ser observado de vários lugares do bairro, além de ser o ponto mais alto da região metropolitana.

Por estar localizado em uma região que tem por característica um relevo dissecado<sup>4</sup>, cortado por alguns rios que fazem parte da bacia hidrográfica do Rio Juquiry, o que se percebe são vários morros ocupados por moradias, algumas de baixíssima renda e sem nenhum planejamento de ocupação nas bordas, já outras mais organizadas em melhores condições remetendo à antiga ocupação do bairro localizadas próximas a estação ferroviária.

<sup>4</sup> Essa denominação faz referência a uma paisagem trabalhada pelos agentes erosivos, onde predominam áreas constituídas por morros com vertentes de acentuada declividade e que apresentam uma densa rede de drenagem (ROSS & MOROZ, p. 63, 1997).

Algumas construções são significativas na paisagem do bairro e representam limites em relação a outros distritos da cidade de São Paulo e até de cidades vizinhas. Podemos citar as rodovias que cortam o estado de São Paulo, Anhanguera e Bandeirantes, ligadas hoje em dia ao Rodoanel Mário Covas, a estrada de ferro da CPTM linha Rubi que compreende o trajeto entre as estações da Luz até Francisco Morato, o Parque Anhanguera, o Aterro Sanitário Bandeirantes, dentre outros.

Os prédios e as imediações da antiga Fábrica de Cimento que, hoje se encontra desativada, estão completamente abandonados, e destaca-se na paisagem. Ela está localizada em uma área próxima a linha férrea e próxima ao Córrego Ajuá, antigo nome de uma fazenda que ali existia antes do surgimento do primeiro povoado no século XIX. Andando pelas antigas ruínas encontramos construções e antigos maquinários, incluindo Marias-Fumaça que transportavam a matéria prima, cujos vagões ainda estão cheios de pedregulhos para a fabricação do cimento da época em que ela foi fechada. A vegetação rasteira cresce por todo canto.

Logo depois dos portões da fábrica nos deparamos com o bairro de Perus propriamente dito, onde restam poucos vestígios do antigo povoado de costumes simplórios, característicos de regiões mais afastadas, onde a estação de trem era um marco para o crescimento de povoado.

O trem foi e continua sendo o principal meio de transporte da população e liga o bairro ao centro da cidade de São Paulo, ou seja, principal conexão dos trabalhadores com seus locais de trabalho. A estação ferroviária é um ponto importante já que exerce uma centralidade ao bairro; nos seus arredores se concentram os principais pontos para meios de transporte (ônibus, vans, táxi e o próprio trem), as ruas comerciais, o CEU (Centro de Educação Unificado), principal objeto cultural presente em Perus, etc.

O bairro é prioritariamente residencial, porém existem distinções visíveis entre áreas bem pobres e outras mais abastadas, apontando uma importante diferenciação sócio-espacial interna que refletirá na percepção de unidade do bairro. Nota-se nas áreas mais antigas, que remetem a formação do bairro e estão geralmente localizadas nos arredores da estação de trem e da Fábrica de Cimento, residências bem estruturadas, acabadas, planejadas, em áreas com boa infra-estrutura para a população residente (Foto 1); já outras áreas de ocupação mais recente, que concentram a maior parte da população em condições muito adversas, estão localizadas nas extremidades do bairro, como nas comunidades mais carentes do Recanto dos Humildes (Foto 2), no Jardim do Russo, etc.

Foto 1: Bairro de Perus Foto.



Legenda: Área composta por residências mais antigas, que possui infra-estrutura que outras áreas do bairro.  
Crédito: Pedro Augusto Bertolini Bezerra, Jan/2011.

2: Recanto dos Humildes.



Legenda: No Recanto dos Humildes, loteamento popular de baixa renda, nota-se a grande densidade de residências.

A atividade comercial é a principal no bairro e tem aumentado consideravelmente nos últimos anos. Possui um comércio tradicional, com algumas mercearias, lojas, restaurantes e mercados nas mãos de antigos moradores do bairro, moradores estes que compunham uma elite local; mas atualmente também são encontradas lojas ligadas a grandes redes comerciais como Casas Bahia, Lojas Cem, Boticário, Magazine Luiza; tais lojas se instalaram no bairro nos últimos 10 anos, ou seja, esses símbolos clássicos da modernização de uma cidade grande estão chegando somente agora no bairro e integrando-o ao circuito comercial da grande metrópole.

Outro ponto a ser destacado no bairro é o Aterro Sanitário Bandeirantes (Foto 3), que por muito tempo recebeu grande parte do lixo vindo da cidade de São Paulo e foi alvo das últimas grandes mobilizações que uniu grande parte dos moradores de Perus contra seus efeitos nocivos, desde a luta contra a instalação de usina incineradora de lixo no ano de 1995, até a luta contra a instalação de outro aterro sanitário no bairro no ano de 2001.

Perus se destacou por abrigar o Cemitério Dom Bosco (Foto 4), que foi construído pela prefeitura municipal, na época da Ditadura Militar (1970), durante o governo de Paulo Maluf. Nesta época suas instalações foram utilizadas como esconderijo de corpos mortos pela repressão militar que assolava o país. As ossadas só foram descobertas e averiguadas pela prefeitura quando Luiza Erundina ocupava o cargo de prefeita (1990), momento em que a chamada “vala comum” foi aberta e investigada.

Foto 3: Aterro Sanitário Bandeirantes.



Legenda: Percebe-se a proximidade entre a antiga área de depósito de resíduos do Aterro Sanitário Bandeirantes e áreas residenciais do bairro.

Crédito: [www.infoescola.com/ecologia/aterro-sanitario-e-mdl](http://www.infoescola.com/ecologia/aterro-sanitario-e-mdl)

Foto 4: Cemitério Dom Bosco.



Legenda: Monumento em homenagem aos mortos enterrados na vala comum do Cemitério dom Bosco.

Crédito: <http://pt.wikipedia.org>

Esse episódio ficou marcado na memória da população brasileira inteira, principalmente na dos moradores de Perus que em todo dia de finados rezam a missa oficial junto à antiga vala. Lá se encontra um monumento com os seguintes dizeres: “Aqui os ditadores tentaram esconder os desaparecidos políticos, as vítimas da fome, da violência do Estado policial, dos esquadrões da morte e, sobretudo o direito dos cidadãos pobres da cidade de São Paulo. Fica registrado que os crimes contra a liberdade serão sempre descobertos” (Luiza Erundina de Sousa, Comissão de Familiares de Presos Políticos Desaparecidos).

A igreja católica continua atraindo uma grande parcela da população, não com a influência de outrora, mas ainda consegue agrupar os fiéis principalmente em suas festas, quermesses, bingos etc. Além disso, a igreja e as antigas Comunidades Eclesiais de Base (CEB), que ainda vigoram no bairro, continuam com o objetivo de dar uma formação melhor e mais justa a população que a frequenta. Também realiza encontros junto aos movimentos sociais como os sindicatos, a associação de direitos humanos, a associação de aposentados etc.

O que percebemos preliminarmente é um bairro inserido na dinâmica econômica da metrópole, um lugar extremamente precário que convive com as agruras do cotidiano, mas que ainda guarda particularidades observadas em sua paisagem com marcos de sua história, materialidades pretéritas que muitas vezes são resgatadas pelos movimentos sociais e de certa forma se tornam presentes na memória coletiva da população do bairro. A expansão da

periferia da metrópole que carrega consigo novas formas e novos conteúdos, não eliminou esses resquícios ainda vivos na memória de muitos.

Porém, ao se tratar de Perus e de como este bairro foi se transformando junto com a formação da metrópole, e sua importância para a memória de sua população, precisamos adentrar um pouco nos principais fatores que contribuíram para sua formação.

## **2.2. Formação histórica de Perus**

Perus torna-se importante para a ascendente cidade de São Paulo do início do século XX, a partir da construção da maior fábrica de cimento do país: a Cia. De Cimento Portland Perus. Sua construção decorre das necessidades vigentes de construção e industrialização que a cidade de São Paulo passou, iniciando uma nacionalização da produção de cimento. Sua localização mais afastada do centro, fez emergir um bairro tipicamente operário que aos poucos foi se inserindo na dinâmica da metrópole que estava nascendo.

Fator decisivo para a instalação da fábrica, a área escolhida possuía algumas características específicas que se tornaram decisivas para a escolha de sua localização. Com um solo rico em minérios (xisto, calcário e caulim), próximo a algumas jazidas de calcário como a do Gato Preto em Cajamar, em uma área não urbanizada, com um relevo bastante irregular, as margens da ferrovia São Paulo Railway, a instalação da fábrica na região foi de grande importância para a industrialização paulista, possibilitando a expansão material da incipiente metrópole com sua alta produtividade, já que no início do século XX a cidade de São Paulo passa por uma ampla reformulação urbana de seu centro, além de obras de infraestrutura que contribuíssem para esse crescimento. Deve-se destacar que esta é considerada a primeira fábrica de cimento do tipo portland do país, e contava com uma alta tecnologia para a época (BEZERRA, 1998).

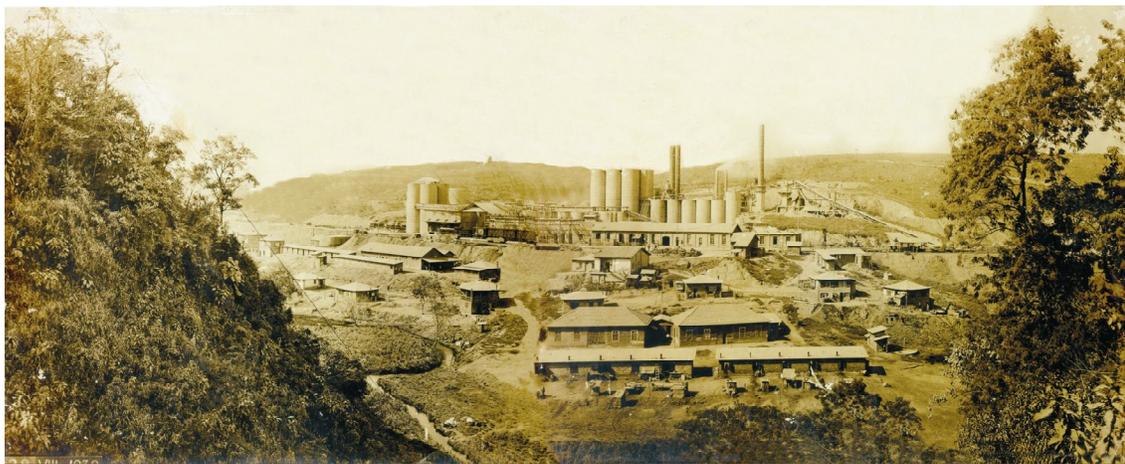
A estação ferroviária foi um fator fundamental para a instalação da fábrica naquela localidade. Ela havia sido inaugurada no ano de 1867 fazendo parte da linha férrea São Paulo-Railway, que estabelecia a ligação entre a área produtora de café cujos troncos ferroviários se encontravam em Jundiaí, com o porto de Santos, linha esta que ficou conhecida pelo nome de Santos-Jundiaí. Deste modo se formou nas imediações da estação o que Langenbuch (1971) chama de povoado-estação: “pequenos, às vezes quase insignificantes, povoados surgiam em

torno da estação, com vendas botequins destinados a servir aos caipiras dos arredores, que agora para aí convergiam em busca da estação.” (p.104)

Em 1914 foi inaugurada a estrada de ferro Perus-Pirapora, de bitola de 60 centímetros<sup>5</sup>, inicialmente com pretexto de levar romeiros até Pirapora do Bom Jesus e após sua construção utilizada no transporte de cal de Cajamar até a São Paulo Railway.

A instalação da fábrica de cimento em Perus se deu no ano de 1926 e estava ligada a todo um processo de industrialização nacional, do qual grupos estrangeiros encontravam grandes vantagens como isenção de taxas e impostos para investirem no Brasil. A Companhia Brasileira de Cimento Portland Perus (CBCPP) se tratava de empreendimento da Companhia Industrial Brazilian Portland S.A. com empresários canadenses representados pela Drysdale & Pease com sede em Montreal, que controlavam cerca de 75% das ações da indústria (BEZERRA,1998). Sua inauguração foi realizada com muito festejo pela imprensa paulistana, que a citava como a fábrica mais moderna e completa do mundo (Foto 5).

Foto 5: A Fábrica e Cimento Portland Perus em 1930



Legenda: Foto da Fábrica de Cimento nos primeiros anos de funcionamento.

Crédito: Acervo de fotos digitalizadas da Fábrica de Cimento.

A instalação da Fábrica de Cimento impulsionou a ocupação do bairro com a vinda de trabalhadores, tanto estrangeiros - para o trabalho especializado, como o nacional - para o trabalho pesado, além, é claro, de absorver a mão de obra dos “caipiras” que ali viviam. Surgem algumas vilas operárias vinculadas à fábrica de cimento que dispunham de toda uma infra-estrutura como água, esgoto e energia elétrica, como a Vila Triangulo e a Vila Portland,

<sup>5</sup> Bitolas de 60 centímetros é o nome dado a largura das estradas de ferro, consideradas estreitas, no Brasil eram usadas em ramais de menor expressão. (www.metrosp.gov.br)

mas também, fora dos perímetros da fábrica, formaram-se loteamentos para acomodar a massa de trabalhadores que não dispunham daquelas regalias, como a Vila Operária, a Vila Inácio e a Vila Hungaresa (BEZERRA, p. 12, 1998)

No ano de 1934, Perus na época com 3.504 habitantes, foi transformado em Distrito de Paz, separando-se da Freguesia do Ó, distrito do qual fazia parte e já se configurava como uma área urbana em meio a uma região predominantemente rural.

Nesta época de desenvolvimento do bairro, o convívio entre a população e sua vida cotidiana mesclava características rurais ainda presentes junto a fazendas e a chamada população caipira<sup>6</sup> ainda presente na região e cada vez mais inserida na lógica do trabalho, e um operariado nascente com a vinda da fábrica que trazia consigo algumas características urbanas além de uma ligação mais próxima com o centro da cidade, desenvolvendo assim práticas sociais típicas de bairro, a chamada “vida de bairro” (SEABRA, 2000).

A igreja aparece como um importante centro de integração da vida de bairro. Em Perus a antiga capela foi transformada na Paróquia Santa Rosa de Lima na década de 1940, e sua presença se alicerçou como agente aglutinador da vida social para os moradores do bairro. As pessoas se encontravam nas missas dominicais, nas festas religiosas como as quermesses, e posteriormente em ações junto às chamadas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) o que se tornou fundamental para a vida comunitária dessa população. As CEBs, impulsionadas por uma linha progressista da Igreja Católica filiada a Teologia da Libertação, vigente na década de 1960, chegam ao bairro com um trabalho de formação de lideranças, e participam ativamente dos movimentos sociais ocorridos no bairro, principalmente os ligados a Fábrica de Cimento.

Outros eventos ligados à fábrica também serviram como ponto de encontro para os populares, como os tradicionais bailes onde muitos casais do bairro foram formados, além do popular futebol de várzea que conseguia agregar grande parte da população em tardes agradáveis de bastante futebol e confraternização, ainda muito lembrado pelos mais velhos.

A partir dos anos de 1950 e 1960 a cidade de São Paulo passa a se destacar no cenário nacional como grande centro econômico e industrial, e Perus torna-se assim um forte núcleo residencial, cuja mão-de-obra excedente passou a procurar trabalho em outros locais da capital, dando à localidade novas características, dentre elas inicia-se uma forte concentração populacional caracterizando-o como “bairro dormitório”.

---

<sup>6</sup> Segundo Seabra (2000): “Na região de São Paulo dominava uma população rala, dispersa conhecida por caboclo segundo o perfil étnico e que era rústica, religiosa segundo os modos de ser. Esta era a base do caipira de São Paulo” (p.12).

Foi nesta década também que a fábrica de cimento foi adquirida por José João Abdalla (1903 – 1978) – médico, político, líder de um extenso império industrial, bancário e agropecuário. Ele que mais tarde seria conhecido como “mau patrão”, adquiriu no ano de 1951 o complexo da fábrica, ferrovia, pedreiras de calcário, o Sítio Santa Fé (fazenda de reflorestamento situada em Perus, à beira da ferrovia cimenteira) e terras que cobrem aproximadamente 60% do território do atual Município de Cajamar. Deve-se salientar que nesta época Abdalla ocupava o posto de Secretário do Trabalho no governo de Ademar de Barros (1945 – 1951).

Com a fábrica nas mãos do Abdalla, se inicia após alguns anos uma crise que perdurou até o encerramento de suas atividades, com períodos de maior e de menor tensão. Porém essas crises geradas por uma má administração, fez eclodir no bairro um forte movimento sindical que mobilizou a população por diversas vezes e seus feitos permeiam os movimentos sociais até os dias atuais.

### **2.3. As Mobilizações em Torno da Fábrica**

A fábrica de cimento durante as primeiras décadas de sua existência, sob a administração dos canadenses, era considerada como exemplo por grande parte da ala empresarial do país, pois possuía uma aparelhagem moderna, pela regularidade de seu funcionamento e pela capacidade de produção que se elevava a cada ano. Nesta visão empreendedora não era considerada a poluição que assolava aquela área pelo pó de cimento que era expelido por suas chaminés.

Em contrapartida as isenções de impostos que impulsionaram a adesão de uma empresa estrangeira neste empreendimento e para garantir o poder estatal sobre o aparelho industrial, medidas foram impostas pelo governo exigindo que fossem utilizadas exclusivamente matérias primas e combustíveis nacionais, além disso, a maioria dos trabalhadores também deveria ser de brasileiros.

Após a aquisição da fábrica pelo Grupo Abdala, suas primeiras medidas direcionaram para a ampliação da capacidade produtiva a partir da implantação de um forno, sem ampliar a infra-estrutura de alimentação desses fornos, o que culminou com uma sobrecarga em alguns postos de trabalho e da maquinaria existente (SIQUEIRA, 2001). Tais

agravantes fizeram com que o sindicato começasse a se organizar de maneira a combater frontalmente tais atitudes que visava apenas o lucro dos empreendedores e cada vez mais a exploração do operariado, principalmente aquele ligado ao trabalho mais pesado.

Até o início da década de 1950 o movimento sindical ligado aos trabalhadores da fábrica de cimento não tinha muita expressão, porém, nesta década, uma greve realizada no ano de 1958 apontou para o que viria a ser esse sindicato nos anos posteriores. Neste ano os trabalhadores reivindicavam uma justa relação entre aumento salarial e aumento do preço do cimento, que privilegiava o lucro da empresa em detrimento do salário dos operários. O principal fator que fez desta luta vitoriosa, em que alcançaram um aumento maior que o esperado, foi a união que esses trabalhadores construíram durante todo o movimento, e que foi ao longo do tempo denotando a principal características deste grupo.

Na década de 1960, a força dos trabalhadores da fábrica teve um grande impacto na sociedade brasileira, pois organizaram uma das greves mais longa que se tem registro no país. A greve organizada tinha como principais reivindicações reajustes salariais, melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores, atuação do sindicato na demissão e na admissão de trabalhadores, o reconhecimento do direito a greve, multa por atraso de salários e comissões, salário família etc. Sua duração foi de sete anos (1962 – 1969) e se destacou pela união e luta dos operários pelo seu caráter pacífico de lema “firmeza permanente”, uma luta baseada na paciência e na não violência. Essa greve mostrou o quão forte era a organização dos trabalhadores da fábrica, pois conseguiram manter uma greve tão longa em um período tão conturbado como foi o do início da chamada Ditadura Militar. Em decorrência do golpe militar ocorrido no ano de 1964, o sindicato dos trabalhadores da fábrica de cimento sofreu intervenção e passou a sofrer grande repressão por parte da polícia.

Dentro desse movimento de greve, houve uma divisão interna entre os operários - os apoiadores da greve (queixadas) - e os que, após a justiça do trabalho ter julgado improcedente o movimento e indicado que os trabalhadores retornassem a seus postos, acataram tal decisão (pelegos). Essa divisão entre os moradores deixou marcas profundas até os dias de hoje já que ainda é visível na fala dos mais velhos certo repudio entre duas partes.

Durante o movimento de greve, os trabalhadores tiveram que arrumar estratégias para poderem manter suas famílias. Foram criados fundos de greve, arrecadação de alimento, roupa, utensílios domésticos etc., e, neste momento, as mulheres tiveram um papel muito importante na organização das doações e dos fatores externos ligados a greve. Além disso, os próprios trabalhadores criavam alternativas de trabalhos se inserindo de maneira informal em

atividades remuneradas.

Esta mobilização dos trabalhadores que influenciou profundamente a vida do bairro uma vez que a fábrica possuía grande centralidade na vida cotidiana, saiu vitoriosa e teve como resultado final a reintegração de 501 empregados estáveis, com o direito a receber os salários dos sete anos de greve.

Um fator decisivo para a conformação desses anos turbulentos de greve foi a posse da fábrica à família Abdala. Suas atitudes enquanto empresário eram amplamente criticadas e foi decisiva para esses anos de crise e seu subsequente fechamento. Além de impulsionar uma greve tão duradoura, a Fábrica de Cimento esteve sob intervenção da União, de 1973 a 1980 devido às inúmeras denúncias junto a Justiça Trabalhista contra os proprietários que não pagavam os salários. Esses fatores e outros contribuíram para a alcunha de “mau patrão” que possuía o dono da fábrica João Abdalla.

Cresceu também, nesta época, o movimento contra a poluição que a fábrica emitia, poluição em toda área próxima a fábrica. Esta poluição ainda é muito comentada pelos moradores que viveram esta realidade e que relatavam tais abusos não só ambientais, mas com conseqüências para a saúde também, isto é verificado na campanha do bairro e da igreja intitulada “O Pó de Cimento Esmaga a Vida” com ampla participação das mulheres moradoras do bairro.

Em 1983 foram desativadas pedreiras e ferrovias que alimentavam a fábrica, que tinham por finalidade extrair e levar a pedra calcária para a fabricação de cimento, e ficou com o encargo apenas de moer e ensacar clínquer<sup>7</sup>, o comprando da fábrica de Cimento Santa Rita<sup>8</sup>. Este fator diminuiu o ritmo de produção quase por completo e conseqüentemente diminuiu a renda da empresa. No ano de 1987 a Fábrica de Cimento Portland Perus fecha suas portas definitivamente.

A essas alturas, principalmente em decorrência da decadência da fábrica, o bairro também passa a ser identificado por sua infra-estrutura extremamente precária típica de bairros periféricos. Ele ganha aspectos urbanos diferentes dos típicos bairros industriais com um adensamento populacional, um processo de favelização em desenvolvimento e problemas ligados a saúde, educação e violência.

O Governo Estadual, na gestão Montoro, efetuou o tombamento pelo

---

<sup>7</sup> O clínquer pode ser definido como o cimento em uma forma básica de fabricação, ainda em sua forma bruta.

<sup>8</sup> A Fábrica de Cimento Santa Rita foi inaugurada em 1957 em Itapevi, até o momento a Cimento Perus era a única fábrica do ramo na Região Metropolitana de São Paulo (SIQUEIRA, p. 37, 2001)

CONDEPHAAT<sup>9</sup> da estrada de ferro Perus-Pirapora em 1987, porém o grupo Abdalla, proprietário da fábrica, não interessado em manter como acervo histórico, procurou descaracterizá-la. Em 1992, o inestimável valor histórico do conjunto formado pela fábrica, as vilas operárias e a ferrovia foram tombadas pelo CONPRESP<sup>10</sup>, com o apoio irrestrito da administração municipal encabeçada pela prefeita Luiza Erundina.

O que se percebe no bairro, após o fechamento da fábrica, além do abandono completo por parte dos proprietários, é uma luta acirrada entre moradores do bairro e antigos trabalhadores da fábrica contra os antigos proprietários, a favor da recuperação do espaço a partir da construção de um aparelho voltado para a área cultural, tão escassa nesta área. Para os moradores e antigos trabalhadores, a fábrica é um importantíssimo marco de suas vidas, já que fez parte de seu dia a dia, de seu cotidiano, e está impregnada na memória dessas pessoas, mostrando que eles fizeram parte da história. Já os antigos proprietários, desconsiderando essa importância da fábrica tombada inclusive como patrimônio histórico, tentam descaracterizar sua estrutura, seu valor, para empregar quem sabe um empreendimento rentável (Foto 6).

O que chama atenção também é que mesmo depois de mais de vinte anos após seu fechamento, e com a população do bairro sendo formada em sua maioria por pessoas que não viveram naquele período, a história da fábrica e as lutas trabalhistas estão no imaginário das pessoas que habitam o bairro. Existem vários movimentos e acontecimentos relacionados ao resgate desta memória por parte tanto dos moradores mais antigos, da igreja e do sindicato, como de jovens em grupos teatrais e musicais resgatando a história da formação do bairro e conferindo um pertencimento a seus habitantes.

Assim sendo discorre-se neste trabalho sobre a relação contraditória que este marco na história do bairro proporciona para sua população e o quanto dessas lembranças ainda estão presentes na memória coletiva do bairro. Percebe-se, assim, quanto a metrópole, com seu ímpeto modernizador, já engoliu sua história a inserindo apenas na reprodução da lógica capitalista na produção do espaço. Trabalha-se, portanto, com a dialética transformação versus permanência.

---

<sup>9</sup> CONDEPHAAT: Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (<http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC>).

<sup>10</sup> CONPRESP – Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/conpresp>)

Foto 6: A Fábrica de Cimento Portland perus hoje.



Legenda: As “ruínas” da Fábrica de Cimento nos dias atuais. Percebe-se um abandono no completo das instalações, sem a presença de pessoas, ou qualquer atividade.

Crédito: Pedro Augusto Bertolini Bezerra, Jan/ 2011.

## **2.4. Urbanização e Industrialização – a transformação da cidade em metrópole.**

Ao analisar a constituição e o desenvolvimento de um bairro periférico como Perus a partir da expansão e do processo de modernização da cidade, devemos prestar atenção na relação existente entre a urbanização e a industrialização. Assim, para entendermos Perus no contexto atual, como um fragmento da metrópole paulistana, devemos resgatar o histórico urbano-industrial da cidade de São Paulo.

A cidade moderna aparece como objetivação de processos ligados à industrialização,

a difusão do dinheiro, a economia de trocas, desta maneira a urbanização inserida nesta lógica seguirá alguns condicionantes para configuração da cidade. Tomamos como pressuposto que a urbanização e a cidade são frutos de um processo histórico e tomam as características de seu tempo.

A urbanização inserida no capitalismo industrial irá produzir a cidade a partir do aparato técnico e científico vigente, criando uma centralidade econômica onde o urbano desenvolver-se-á de forma plena com toda infra-estrutura necessária, mas contribuindo também para o surgimento de uma periferia excluída de todo processo (SEABRA, 2003). Existe nessa realidade uma relação de dependência entre estes dois pólos.

A cidade vai assumindo uma estrutura espacial apropriada a sua própria condição, no capitalismo industrial ela segue as estruturas da produção de mercadorias, entregue a força do mercado, da propriedade e a concorrência entre os produtores industriais pelo acesso a mão-de-obra, materiais e infra-estrutura. (SOJA, 1993)

Em São Paulo a industrialização, bastante influenciada pela concentração de capital exercida pela economia do café, inicia-se dispersa e só depois do chamado “encilhamento” é que essa indústria passa a se concentrar na capital e seus arredores, completando o processo iniciado pela expansão ferroviária (DAMIANI, 2004). Nesta época tínhamos uma cidade que concentrava suas atividades econômicas e comerciais, havendo a existência ao mesmo tempo de núcleos paupérrimos rodeados por aldeamentos e vilas caipiras onde se destacava uma economia de subsistência.

Neste contexto compreendemos o urbano fragmentando espacialmente a configuração da cidade. A suburbanização nascente é um fator lógico deste crescimento industrial, em que junto com o centro desenvolvido nasce um subúrbio alienado e pobre. Como salienta Langenbuch (1971), o desenvolvimento suburbano é o aparecimento, em grande escala, da função residencial, propiciada pelo modo como a cidade foi desenvolvida, privilegiando especulação imobiliária exagerada, expulsando uma parcela da população funcionalmente urbana para fora da cidade, alocando nas proximidades industrializadas das ferrovias.

A cidade como formação social exerce um conjunto de virtualidades e de valores desiguais, cujo uso tem de ser disputado a cada instante. Nesta perspectiva nascem os subúrbios como alternativa aos que, de certa forma, se encontram excluídos da cidade. Entretanto há uma relação de consistência da diversidade em um mesmo espaço, permeada por hierarquias e conflitos (DAMIANI, 2004).

Este movimento industrial anunciou o amplo processo modernizador que a cidade de São Paulo passou a adquirir na virada do século XIX para o XX, cidade esta que até meados do século XIX não possuía muita relevância no país. Assim a inserção do mercado, da indústria e a concentração da população vai dando forma à metrópole.

*A metrópole foi ganhando realidade à medida que o processo de concentração da atividade econômica, da política e da população, acompanhado da concentração das decisões das empresas e do Estado, redefiniam, sem cessar, as forças de trabalho urbano e que, em consequência se difundia o sistema de trocas.*  
(Damiani, 2004:)

O processo de modernização que a metrópole representa, está inserida na metamorfose social por que passava a grande cidade com a mudança quantitativa e espacial da existência urbana. Ela aparece como lugar central da modernidade, definindo a forma geral da sociabilidade, na qual havia uma associação estreita entre economia monetária e a grande cidade.

O mundo caipira dos arrabaldes da cidade vai se transformando gradativamente, vão surgindo os bairros industriais, os bairros residenciais, os bairros operários etc., e a cidade provinciana de outrora passa e construir as bases da vindoura metrópole. Entretanto como apontado por Damiani (2004), em São Paulo a modernização foi sempre taxada de incompleta, mesclando o tradicional com o moderno, trata-se da chamada “modernização conservadora”, uma relação contraditória e desigual que une os aspectos tecnológicos, arquitetônicos e econômicos com uma lógica conservadora vistos nas políticas públicas e de organização territorial.

Todo esse aparato teórico trabalhado até o momento irá se materializar a partir das relações de trabalho, de moradia, de comércio, de lucro etc., configurando assim a cidade como a conhecemos.

Damiani (2004) parte de uma análise intitulada “urbanização crítica”, em que o urbano não é uma alternativa para todos que vivem na cidade, mas uma condição; o espaço de sobrevivência em alguns momentos pode se contrapor à valorização do espaço através da mobilização e formas de contestação. O trabalhador destaca-se como principal ator mobilizador, inserido em seu meio, pois é quem está vivendo as mazelas da vida urbana, do cotidiano, do trabalho como único meio de subsistência, do desejo de conquista da moradia, do desejo de conquista da cidade. Por ser a cidade um espaço segregador, é nas periferias que geralmente se concentram aquelas pessoas que não se inseriram de fato no sistema e é onde a mobilização pode tomar força. Como destaca a autora, “a organização popular urbana atual

tem sua gênese na atividade pastoral da igreja, nos partidos políticos e na história de lutas operárias dos sujeitos envolvidos” (p. 32).

## **2.5. Relação entre o processo urbano-industrial de São Paulo e Perus**

*“Mesmo para quem mora em São Paulo, Perus parece outra cidade. O bairro, protegido por morros e pela mata Atlântica, é um lugar que tem vida própria e clima de interior”<sup>11</sup>*

Essa pequena consideração acerca do bairro de Perus faz referência a um projeto cinematográfico em que vários documentários acerca dos bairros de São Paulo (26 ao todo) foram realizados como forma de divulgar a história da cidade, dentre eles, “Perus: o bairro que construiu São Paulo” de Fausto Fass (2006). Trabalhos como estes estão inseridos em um contexto de valorização mercantil da cultura, em que a memória e a história aparecem com grande evidência, contudo este excerto nos faz refletir sobre algumas características de Perus que ainda são percebidas tanto por moradores como por pessoas de outros lugares.

Extraíndo o caráter “romântico” que foi apontado, existe como já mencionado no trabalho, certo isolamento em relação a outras localidades da metrópole, devido ao corte representado pelo traçado das auto – estradas que atravessam o bairro, ao Aterro Sanitário Bandeirantes, ao Parque Anhanguera, o que pode apontar para essa tal “vida própria”, mas não podemos esquecer que Perus está inserido sim na metrópole pelo grande leque de dependências em relação as centralidades, tanto da cidade como da própria periferia, além de conviver com todas as mazelas de uma vida cotidiana periférica.

Porém, a discussão que queremos suscitar diz respeito à força mobilizadora que a recuperação da memória consegue trazer a população do bairro. Não é difícil ver no bairro entidades e movimentos sociais resgatando o histórico de lutas do bairro, sua importância para a cidade para tentar justificar suas reivindicações junto aos outros moradores. Isto foi verificado em igrejas, em escolas, em sindicatos e em movimentos culturais, algo que deve ser levado em consideração no entendimento deste lugar na configuração da metrópole.

Perus acompanhou o crescimento da cidade e seu processo de metropolização,

---

<sup>11</sup> Resenha do filme: “Perus, o bairro que construiu São Paulo” de Fausto Fass, 2006.

vivendo diretamente as conseqüências deste processo histórico, inerente ao desenfreado processo de modernização que São Paulo sofreu a partir da chegada das indústrias e da forte centralidade que passou a exercer. Essa urbanização busca homogeneizar toda a forma da cidade, no intuito de otimizar cada vez mais a reprodução do capital, e desse modo, rápidas transformações vão se dando no âmbito da cidade e em suas periferias.

A cidade vai se constituindo como produto e condição de sua formação histórica, formação essa que é comandada pelo processo de industrialização verificado a partir do início do século XX. Tal processo vai redefinindo espaços, introduzindo como lógica fundamental as relações de trabalho e suprimindo outras relações antes verificadas, assim, neste contexto, a formação das periferias é parte integrante da formação da cidade capitalista.

Essa lógica marca uma formação sócio-espacial extremamente contraditória e desigual. Ao mesmo tempo em que a metropolização exerce seu poder homogeneizador e fragmentador, pois separa segmentos sociais em lugares diferentes, são verificadas rupturas que trazem algumas “permanências” nesta lógica em que a vida é prioritariamente pautada pela troca. Esse movimento contraditório é parte integrante da lógica capitalista, pois para que certa parcela da sociedade cresça economicamente, outra deve ser explorada e, portanto excluída sócio-espacialmente no contexto urbano.

Essas permanências podem se transformar em movimentos de resistência ao domínio da lógica posta, pois aparecem como resíduos que permanecem irredutíveis a transformação da realidade posta.

Busca-se uma apropriação do indivíduo ao espaço da cidade, porém o viver é vencido pela lógica eminente do capital. A mediação da vida é dada pela forma mercadoria, havendo uma sujeição do sujeito a esta lógica de reprodução da sociedade, onde a propriedade garante a existência, criam-se identificações ligadas ao imaginário, ao simbólico, ao afetivo. Quando se percebe um movimento de ruptura oposto ao ideologicamente estabelecido, há a possibilidade do uso da cidade, a possibilidade de apropriação. (SEABRA, 2003)

A antiga vida de bairro formada a partir de uma lógica integradora compreendia uma convivência entre as pessoas, misturando em seu interior indivíduos advindo de um modo de vida pretérito (caipira) e um emergente modo de vida industrial, em práticas sociais amparadas pelo compadrio, em relações de vizinhança, embasando as ações dos populares (SEABRA, 2004). A igreja, nesta realidade, torna-se um importante agente agregador da população.

A partir do surgimento propriamente dito de uma sociedade industrial,

implementando sua lógica urbanizadora, essas relações entre a população vão sendo gradativamente rompidas a favor da reprodução ampliada do capital, disseminando ideologicamente a lógica do trabalho como a única alternativa para a sobrevivência nessa sociedade vigente. Isso consegue inclusive romper o próprio significado do termo bairro que acaba tendo outra conotação, assim como o próprio conceito de bairro que vai se perdendo na imensidão da metrópole.

Salienta-se, então, a necessidade de uma pequena conceitualização do bairro e sua mutação no momento de formação da metrópole e conseqüentemente na formação do lugar.

O bairro destaca-se na constituição da cidade como o lugar da vida comunitária, onde há uma unidade da vida e das relações no processo de urbanização e industrialização, dando-lhes o suporte doméstico necessário. Inserido neste processo, Seabra (2003) salienta que sua inserção na constituição da cidade, ressalta uma relação entre o todo e as partes que são inseparáveis. Em seus dizeres:

*O estudo do bairro permite compreender a urbanização como um processo total, logo, também as configurações que a metrópole foi adquirindo no seu processo de constituição-configuração-transfiguração. (p. 40)*

Os bairros vão se inserindo em uma trama cada vez mais densa com sua incorporação à cidade, e passam de pequenos núcleos agro-comerciais, a partes integrantes da dinâmica comercial da metrópole. É o que Armando Correia da Silva (1982) chama de metrópole ampliada composta.

Este movimento pode ser observado em Perus. Inicialmente o povoado-estação que foi formado, tinha características essencialmente agrário-comercial, com uma produção auto-sustentável. Com a construção da fábrica de cimento, começa a se incorporar a dinâmica econômica da cidade, a partir da produção de cimento em escala nacional e a incorporação da lógica do trabalho. Finalmente o bairro atualmente se encontra totalmente inserido nesta lógica econômica financeira.

Este pode ser considerado um momento essencial para a formação de uma ideologia de bairro, pois traça aspectos importantes da vida cotidiana que se assemelhavam a dinâmica de cidades pequenas. Surge a partir das condições atuais de exclusão, um ideal de sociabilidade que permanece guardado na memória dos mais velhos e que é transmitido por meio de acontecimentos marcantes ao restante da população.

A inserção da indústria traz ao bairro o modo de vida urbano como principal paradigma, separando o viver e o vivido, fragmentando o tempo e o espaço da vida,

produzindo de fato o cotidiano, este que aparece como uma relação entre espaço e sociedade, em que se enxerga uma estrutura que controla a vida das pessoas. Percebe-se uma reestruturação das relações de trabalho, a modernidade maximiza o uso do tempo e do espaço, aniquilando a chamada vida de bairro descrita anteriormente.

Estamos diante da formação do lugar na metrópole amplamente ligado ao desenvolvimento do modo de produção capitalista, essa passagem da forma cidade para a forma metrópole impõe a urbanização como um processo de grande mobilização do capital e do trabalho.

Mesmo os bairros possuindo características próprias relativas a sua situação geográfica e construídas no decorrer de sua história, vão sendo englobados por essa lógica de reprodução da cidade. A idéia de cidade como unidade, expressada a partir das partes que são os bairros é superada e a metrópole vai ganhando força a partir de um processo de centralização econômica, política e social, redefinindo as forças de trabalho urbano que difundem o sistema de trocas (SEABRA, 2003).

O bairro de Perus por mais que esteja inserido nesta lógica do urbano, encontra em seu histórico de lutas um mote para resistência amparada na sociabilidade, na união entre os moradores retomada pela memória coletiva dessa população. Podemos considerar essa busca de uma “identidade” pela memória como um movimento de ruptura, que vai contra a onda modernizadora da cidade, e a favor da vivência da cidade, o uso de seu espaço para a reprodução da vida.

A greve e as lutas ocorridas na década de 1960 contribuíram de forma decisiva para a formação dessa “identidade”, fazendo com que se sentissem pertencentes àquela realidade e agentes ativos na construção do espaço que os cercava. Os movimentos sociais do bairro, organizados ou não, buscam neste episódio um ideal de luta acolhida pelos moradores.

Ao mesmo tempo em que uma lógica homogeneizadora dos espaços da cidade age intensamente no sentido de intensificar as mutações fundamentais para o bairro adentrar nessa lógica urbana, uma força contrária aponta permanências na sociabilidade das pessoas e age fortemente no sentido a apontar uma especificidade, uma particularidade reconhecida do bairro.

Porém nem toda a população de Perus na atualidade enxerga essa unidade, como se evidenciou nas entrevistas realizadas com jovens moradores do bairro. Principalmente junto às pessoas que moram na parcela mais pobre do bairro, o “Recanto dos Humildes” que começou a tomar forma na década de 1990 a partir de ocupações irregulares, e hoje acolhe a

maior parte da população de migrantes do bairro, principalmente nordestinos. Uma grande parte da população de Perus vive nesta localidade que cresceu muito nas últimas décadas. Apenas uma pequena parte do local já passou por um processo de urbanização, mas a maioria permanece em condições precárias de habitação, com graves problemas de infra-estrutura e saneamento básico, além da forte violência ligada ao tráfico de drogas.

Por ser uma localidade nova e sua população composta na maior parte por migrantes, o referencial histórico e espacial não está tão presente quanto para o restante do bairro, e assim enxergam uma realidade fragmentada, sem relação aparente entre as várias partes da cidade. Porém, uma vez que os movimentos sociais vão adentrando na realidade dessas pessoas, esses referenciais vão se formando lentamente.

No que se refere a essa grande parcela de migrantes, sua inserção na realidade local altera significativamente a consciência das pessoas que já habitavam o lugar e dos próprios migrantes. Para os que chegam, a vivência em um novo lugar os obriga a construir um novo aprendizado, uma nova formulação das relações sociais, a formação de uma nova consciência uma vez que seu passado pode não ter tanto significado para esta nova realidade vivenciada (SANTOS, 2002).

Quando o bairro é tratado como um lugar com vida própria ou de clima interiorano, como referenciado no início do tópico, lembramos imediatamente da antiga vida de bairro que fora destruída pela metrópole, mas ainda são percebidos reminiscências desse modo de vida, principalmente guardada no imaginário de parte da população. A lógica do trabalho chegou sim ao bairro e é percebido pela forte periferização que sofreu, pela chegada em massa de uma população de migrantes em grande parte nordestinos que passaram a viver em terrenos ocupados sem estrutura alguma, um bairro residencial, dormitório etc. Mas podemos considerar esse movimento de resgate da memória como uma “ruptura” ou uma não aceitação da lógica que domina as relações sociais na atualidade, e é neste ponto que se baseará nosso próximo capítulo.

### **3. Memória e identidade – permanências na metropolização.**

Perus se desenvolveu sob forte influência do capital industrial que moldava a moderna cidade de São Paulo dando os contornos do que virá a ser maior metrópole da América do Sul, e que hoje vive sobre forte influencia do capital financeiro, que vem há muito tempo desvalorizando imensamente a maior parte da região periférica.

A atual configuração de Perus expressa um quadro de exclusão sócio espacial característico das periferias das grandes cidades. A partir da década de 1950, percebe-se a chegada de uma massa de trabalhadores advindos de outras partes do país para ocupar os postos de trabalho na capital, tais trabalhadores acabam encontrando como único meio de conseguir habitação as áreas periféricas da cidade devido à desvalorização imobiliária sofrida por parte da periferia de São Paulo e pela facilidade em encontrar ocupações irregulares para sua fixação.

Na tentativa de aperfeiçoar as relações de circulação e troca, intrínsecas ao processo de metropolização da cidade, os bairros tidos como os lugares da socialização, da proximidade entre os moradores, vão desaparecendo. Porém, são verificadas “permanências” em alguns grupos e movimentos que resgatam a formação histórica do bairro, o que pode ser entendido como momentos de rupturas à lógica hegemônica.

Nos próximos tópicos discorre-se sobre o papel do resgate da memória, neste caso da população de Perus, inserida no processo de metropolização da cidade de São Paulo. Isso entendido como um recurso de resistência, reconstruindo “identidades” inseridas espaço-temporalmente nesse processo modernizador. Para isso, é necessário discutir um pouco sobre o papel da memória e das identidades no interior dos movimentos urbanos para se verificar até que ponto esse movimento pode constituir na população uma consciência sobre a importância no lugar na cidade.

#### **3.1. A reprodução das identidades locais**

Quando trabalhamos com a questão da identidade nos vem à tona a busca de significados e experiência de uma determinada população. A criação de uma identidade se dá

a partir do momento em que um grupo, inserido em uma dada realidade, constrói significados com base em um conjunto de atributos culturais que se relacionam e que os identificam em relação a outros grupos, os diferenciando. Há uma construção de significados, que é ideológica, visto como uma identificação simbólica. (CASTELLS, 2008)

Por se tratar de um constructo, a questão da identidade é definida historicamente seguindo os atributos sócio-culturais de seu tempo. Não podemos compreendê-la como algo inerente a sociedade, mas como características desenvolvidas no interior desta sociedade, que toma como princípio os pressupostos de seu tempo. Para o sujeito, a identidade é formada no interior de um sistema de representação cultural já existente, difundida na sociedade simbolicamente. (CASTTELS, 2008)

Assim em um meio urbano, por exemplo, passa-se a assimilar as referências de localização e distribuição, a se identificar com as casas, com o arruamento, o fluxo do movimento de transito, sentido desse modo ambientalmente especializados.

Vai se construindo no interior do grupo uma “consciência” geográfica a partir de ideologias geográficas. Para Moraes (1988):

*as ideologias geográficas alimentam tanto as concepções que regem as políticas territoriais dos Estados, quanto à autoconsciência que os diferentes grupos sociais constroem a respeito de seu espaço e da sua relação com ele. É a substância das representações coletivas acerca dos lugares, que impulsionam sua transformação ou o acomodamento nele. Expressam, enfim, localizações e identidades, matérias-primas da ação política (p. 44).*

As identidades formadas a partir da interiorização do lugar por um grupo de indivíduos são localizadas no tempo e no espaço simbólico e possui aquilo que Said chama de “geografias imaginárias” (SAID, 1990 apud HALL, 2006), que tratam da interiorização das paisagens características, de seu senso de lugar, de casa, de trabalho, bem como sua localização no tempo.

Em tempos atuais, a discussão que se coloca é a da crise da identidade. Nota-se um declínio das ditas velhas identidades a partir da fragmentação do indivíduo moderno, fazendo surgir novas identidades. De acordo com Hall (2006), o sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa e permanente, ela é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados pelos sistemas culturais vigentes.

Muitos autores tratam essa crise como fruto do caráter de intensa mutação expresso na pós-modernidade (HARVEY, 1994), ou modernidade tardia (HALL, 2006), ou modernidade líquida (BAUMAN, 2005). Em outras palavras, se trata do impacto da

globalização na formação das identidades culturais.

A própria modernidade já é caracterizada por um processo de transformações, rupturas, de fragmentação no seu próprio interior. O surgimento de uma sociabilidade pautada pelo advento da indústria irá “ditar” uma lógica urbanizadora, as relações entre a população vão sendo gradativamente rompidas a favor da reprodução ampliada do capital. Agregado a isso, a lógica do trabalho ideologicamente vai se difundindo como a única alternativa para a sobrevivência nessa nova sociedade, ideologia esta que vai configurando essa dita consciência.

Mesmo os bairros que marcam uma dinâmica pretérita da vida cotidiana da cidade e hoje estão diluídos em meio à metrópole, foram acumulando características próprias constituídas no decorrer de sua formação, e estas vão sendo engolidas por essa lógica de reprodução da cidade, deste modo as desigualdades sócio-espaciais vão crescendo ainda mais sob o advento dessa nova ordem. Para Seabra (2004), a metrópole vai ganhando força a partir de um processo de centralização econômica, política e social, redefinindo as forças de trabalho urbano que difundem o sistema de trocas.

Porém, na modernidade tardia trabalhada por Hall (2006) o que diferencia o caráter das transformações são as diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito”, ou seja, identidades.

A força que a globalização exerce na redefinição do tempo e do espaço no interior de diferentes sistemas de representação, é o expoente da crise – crise esta que afeta não apenas a questão identitária, mas todas as instâncias da sociedade. Em relação às identidades, elas estão localizadas no tempo e no espaço simbólico e podem possuir significados específicos.

Mas uma característica das relações sociais são as ambigüidades existentes. Assim como há o surgimento de novas identidades com o advento de novas concepções da relação entre tempo e espaço, há no entendimento de Hall (2006) a existência de identidades que são reforçadas, movidas por uma resistência a globalização.

Com o advento da globalização, o lugar, ponto de práticas sociais específicas que nos moldam e nos formam, não perde sua importância na formação e na identificação de uma população. Os lugares permanecem fixos, é nele que possuímos raízes, por mais que o espaço possa a ser percorrido em muito menos tempo como salienta Harvey (1994). Mesmo que haja um afrouxamento de identificação com a cultura nacional como é percebido, as identidades regionais e comunitárias tem se tornado mais importante; nos dizeres de Castells (2008), as pessoas se socializam e interagem em seu ambiente local, seja na vila, na cidade ou no

subúrbio, porém a identidade local entra em intersecção com outras fontes de significados que extrapolam as antigas definições fechadas de identidade.

Mesmo que o processo modernizador, há algum tempo, tende a fragmentar a vida da população, muitos resistem a essa individualização e a atomização imposta, gerando sentimentos de pertencimento, uma identidade cultural, comunal. Castells (2008) afirma que para que isso aconteça se faz necessária a mobilização social, em que as pessoas participem de movimentos urbanos que defendem interesses comuns, produzindo, então, um novo significado para a vida. A existência desses movimentos irá produzir algum significado não somente para aquele grupo, mas para toda comunidade, o que faz construir um significado para a memória coletiva da comunidade.

*“Enfim, as comunidades locais, construídas por meio da ação coletiva e preservadas pela memória coletiva, constituem fontes específicas de identidades. Essas identidades, no entanto, constituem em reações defensivas contra as condições impostas pela desordem global e pelas transformações, incontroláveis e em ritmo acelerado. Elas constroem abrigos e não paraísos” (CASTELLS, 2008, p. 84)*

A redescoberta de um passado pontual, da história local, como no caso estudado de Perus, é parte constituinte do processo de construção de uma identidade. A história construída ou representada passa a ser vista como uma verdade para aquele grupo, que passam a não analisar as contradições dos acontecimentos. Para Silva (2000), a memória, em sua dimensão analítica, deve ser entendida como objetiva nos seus fatos e, também, a partir da perspectiva subjetiva dos indivíduos, que constituem os grupos sociais.

A memória marca o reencontro do passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora e a identidade formada é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação. Assim para conviver com a fragmentação vivenciada hoje, alguns grupos tentam retomar um passado perdido, ordenado por histórias e por fatos heróicos. Silva (2000) destaca a importância do símbolo na construção dessa memória resgatada, contribuindo para a construção de uma identidade; o símbolo é a marca que se distingue de outras realidades.

Como verificamos em Perus, o constante resgate de sua história representa um movimento de resistência em relação à modernização exercida pela metrópole. Organizado em grupos ou não, essa parcela da população que é de certa forma excluída do viver a cidade, encontram na memória um meio de reivindicação, de mobilização.

Nesta perspectiva, tratamos do surgimento de uma dita “ideologia de bairro”, que na

verdade supre a ausência das práticas que formam o bairro em sua história. A afirmação das antigas práticas sócio-espaciais do bairro, de certa forma, repercute no atual modo de vida da população urbana, contribuindo para uma maior proximidade entre os moradores.

Como salientado, a memória aparece como importante fator de sociabilização na construção de uma identidade dos moradores que se encontram, de certa forma, excluídos na cidade.

### **3.2. As permanências na paisagem e a memória como resistência.**

Quando colocamos a memória de uma população como aspecto de análise de uma dada realidade, devemos ter consciência que essa memória é fruto de uma relação pessoal e subjetiva do cotidiano de uma pessoa, que detém marcas ideológicas da história do vivido. Portanto é uma apropriação de momentos passados pelo presente, com todas as marcas e características da atualidade. Como salienta Ecléa Bosi, “não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção ‘é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence’” (BENJAMIN, 1996 apud BOSI, 2004, p. 20).

Essa memória se enraíza no concreto, no espaço, no coletivo, e quando passa a se difundir no interior de uma classe social, se alimentando de imagens, sentimentos, idéias e valores, cria uma identidade para aquele grupo, amplamente trabalhada pela ideologia vigente. Estamos diante do que Bosi (2004) chama de memória coletiva, abordada pela psicologia social, um campo de estudo que abrange o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo.

No âmbito da história de um grupo de pessoas, quando um acontecimento político interfere no cotidiano dessas pessoas, a memória de cada um é afetada pela interpretação que a ideologia dominante dá a esse acontecimento.

Ao evidenciarmos Perus, retomamos logo de cara todos os acontecimentos sociais e políticos que caracterizaram o bairro no decorrer de sua história. Desde seu nascimento como “povoado-estação”, passando pela construção da fábrica de cimento e sua influência direta na vida da população no decorrer de sua história, até os dias de hoje, caracterizado pela sua

exclusão do contexto da cidade.

Para Bosi (2004) deve-se destacar a forte influência do modo de produção capitalista na difusão de interpretações sociais e políticas, é a ideologia dominante que constrói a consciência humana, amparada hoje pelo tempo da mercadoria que destrói o tempo da amizade, da família, do religioso, das relações de vizinhança, destruindo inclusive a memória coletiva.

Porém, é na periferia da cidade, lugar da exclusão social, que a memória aparece como uma alternativa a opressão da metrópole. Como retrata Bosi (2004): “As lembranças se apóiam nas pedras da cidade. Se o espaço, para Merlot-Ponthy, é capaz de exprimir a condição do ser no mundo, a memória escolhe lugares privilegiados de onde retira sua seiva” (p. 71).

O bairro na perspectiva de Bosi (2004) é uma totalidade estruturada, comum a todos, que vai emergindo aos poucos, e nos trás um sentimento de identidade ao lugar. É o “nosso lugar”, elemento de proximidade, deve ser mais denso que seu entorno e permitir a dialética da partida e do retorno.

As periferias ainda guardam em seu interior os resquícios de sua história, e é na sociabilidade típica do bairro que sua memória ganha força junto à população. Essa memória é reforçada por objetos pretéritos que ainda persistem na paisagem, são as chamadas rugosidades, amplamente trabalhada por Milton Santos (2002).

Em seu trabalho “A Natureza do Espaço”, o geógrafo Milton Santos (2002) também trabalhou com o conceito de memória coletiva: “A memória coletiva é apontada como um cimento indispensável à sobrevivência das sociedades, o elemento de coesão que garante a permanência e a elaboração de um futuro” (p. 329).

A paisagem possui extrema importância para o surgimento de uma memória coletiva, já que se trata do resultado do trabalho do homem e marca profundamente sua história. A cada momento o trabalho do homem cria elementos particulares a cada lugar, e cada particularidade cria um tempo próprio, matrizes das espacialidades vividas em cada lugar. Assim, para Santos (2002), a paisagem é a sobreposição de diversos tempos no espaço: “A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (p.103).

O processo social sempre deixa suas marcas, que acabam sendo condições para as etapas posteriores. Há, a cada momento histórico, uma redistribuição de fatores indiferentes as condições preexistentes. O que resta na paisagem do passado, como forma, o que resta da

superação, acumulação, superposição Santos chama de rugosidades:

*Chamemos rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares (SANTOS, 2002, p. 140)*

A consciência humana acompanha os meios materiais de sobrevivência que lhe são oferecidos, assim são criados símbolos, representações, valores encontrados nesta paisagem, nesta memória.

Perus, por ser um bairro periferia, apresenta uma paisagem típica das zonas mais pobres da cidade, como ocupação desordenada, favelização etc., porém ainda estão presentes algumas importantes materialidades cheias de significados que marcam diferentes tempos do bairro.

A fábrica de cimento ainda é uma marca importante do bairro. Suas instalações ainda podem ser vistas de diferentes pontos do bairro, por estar em uma área de baixada, próxima à ferrovia. Mesmo inativa e abandonada, ela ainda representa uma importante marca na paisagem para toda população de Perus.

A própria figura dos operários da antiga fábrica, que nos momentos de forte mobilização passaram a ser chamados de “Queixadas” (termo que será explanado com mais detalhes no próximo capítulo), também resiste às agruras do tempo, inclusive estampado na sede do “Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Cimento, Cal e Gesso de São Paulo - Os Queixadas”, ainda em atividade, abrigando além de atividades sindicais ligados a indústria cimenteira, movimentos sociais com outras propostas de luta.

A ferrovia e sua respectiva estação também são marcas de um passado que ainda possui grande importância no cotidiano da população. Este meio de transporte ainda é considerado o principal meio de ligação entre bairro com o centro da cidade. Esta estação também é conhecida por um trágico acidente no ano de 2000, em que um choque entre dois trens em plena estação matou e feriu muitas pessoas.

O Cemitério Dom Bosco construído em 1971, local onde foram depositados clandestinamente os corpos de presos políticos mortos durante a ditadura militar, ainda é lembrado como uma cicatriz triste para todo o país, recuperando as duras lembranças dos tempos de repressão.

Também salientamos a presença do Aterro Sanitário Bandeirantes, marca da paisagem do bairro e de mobilizações envolvendo melhorias de condições do tratamento do

lixo e inclusive a construção de mais um aterro nas proximidades.

Mas algo se coloca na contramão das discussões aqui estabelecidas: como tratar da memória coletiva em um lugar também caracterizado pela forte migração? Como o migrante se insere neste contexto, carregando consigo a vivência em outros lugares, outros tempos, com outras pessoas? Nota-se a ampla complexidade desta discussão no âmbito da metrópole.

Para o migrante a memória de seu passado em outro lugar passa a não ter a mesma força, e, principalmente, a mesma utilidade para sua vivência neste novo lugar. O novo lugar abriga outra história, outros significados que passam vagarosamente a entrar no cotidiano e na vida desses migrantes, para Santos (2002) há um embate entre o tempo da ação e o tempo da memória.

Esse migrante vai inserindo traços da cultura popular que resistem, e que encontram similaridade junto a outras pessoas que passaram pela mesma situação. Percebe-se uma mudança na consciência das pessoas advindas de outros lugares, assim como das pessoas que já moravam no lugar. Há uma modificação do significado do lugar, constrói-se uma nova consciência coletiva realocando os padrões da existência cultural diversa ali existente. “A cultura, como forma de comunicação do indivíduo e do grupo como o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e seu meio” (SANTOS, 2002, p.326).

O antigo bairro, desse modo, aparece como um depósito dos restos da sociedade industrial, que o vai descaracterizando e ao mesmo tempo o particularizando internamente. No interior da metrópole a diversidade vai caindo no anonimato, a memória vai caindo no esquecimento junto com a identidade de quem a construiu. Porém a força do lugar na vida cotidiana das pessoas ainda faz persistirem resquícios de sociabilidade como importantes movimentos a favor da vida na cidade.

Assim, vão surgindo os movimentos sociais que buscam a afirmação daquela população por meio de um interesse comum, este que pode ser sua própria inserção na cidade, ou a própria redefinição da cidade. Nesses movimentos, a criação de um significado comum se torna importante fator de agregação, o que no caso de Perus gira em torno de sua história e memória.

Em Perus vários movimentos foram criados e usam essa bandeira, a própria igreja católica e as escolas básicas, tanto particulares como públicas, de alguma maneira ainda trabalham com essa temática. Dentre os movimentos existentes podemos citar: o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Cimento e Cal de São Paulo “Os Queixadas”, o movimento

em prol da construção de um centro de cultura do trabalhador no espaço da antiga fábrica, o Grupo Coruja, ligado a formação de professores, a “Fábrica do Conhecimento” ligado a educação de jovens e adultos, Associação dos Aposentados de Perus, entre outros. Essa temática ainda envolve grupos de jovens como o “Quilombaque” e o grupo de teatro “Pandora”, cuja principal peça chama-se “A Revolta dos Perus” e retoma a história do bairro.

Esses movimentos, usando o artifício da memória, direcionam, no limiar de suas práticas, uma discussão e a construção de um movimento social, cultural, educacional que traz para essa população aquilo que o processo de urbanização segregou a uma parte da população, a apropriação da cidade pelo indivíduo.

Partiremos então para uma discussão da ação e da função destes movimentos na esfera local.

## 4. Os movimentos sociais e a metrópole – o resgate da memória

Inseridos em uma dinâmica contraditória que evidencia dois aspectos da formação da metrópole, a modernização da cidade e a permanência de aspectos pretéritos como resistência, os grupos sociais existentes em Perus, organizados ou não, acabam por retomar de alguma forma momentos específicos de sua história que continua pairando na memória coletiva da população. A greve dos anos 60 acaba por se tornar um ideal de coletividade, imbuído pelo seu lema da “firmeza permanente”, organizações sindicais, educacionais, ou mesmo grupos de jovens retiram deste fato histórico um significado para suas lutas atuais.

Nesta perspectiva, dividimos neste trabalho quatro grupos sociais, que convergem entre si, mas que mostram claramente a força que a memória apresenta como resistência nas ações e eventos organizados por esses grupos. Os grupos são: a Igreja Católica, que além de agregar a população, possui uma grande importância na formação das organizações coletivas do bairro; o Sindicato de Cimento, tão importante na história das lutas da fábrica e ainda atua na organização dos operários da indústria cimenteira de São Paulo; o movimento educacional, que através de sua atuação nas salas de aula ou como grupo organizado, busca na história local um meio para despertar um olhar crítico em relação ao habitat de seus moradores; e os movimentos de jovens, que mesmo pertencentes à outra geração, a outra realidade, se apropriam desta da memória dos mais velhos para acrescentar em suas lutas.

Neste momento do trabalho utilizamos como fonte, principalmente, incursões na realidade vivida por esses movimentos, através dos trabalhos de campo realizados onde foram feitas entrevistas; e da participação em encontros, reuniões, eventos das diferentes organizações etc.

Foram entrevistados de forma organizada para esta pesquisa, de maneira a atingir todos os grupos aqui citados, o Pároco da paróquia Santa Rosa de Lima, Matheus, esta que está localizada em Perus; o presidente do Sindicato dos “Queixadas”, Sidnei Fernandes; e alunos do ensino médio da rede pública estadual do bairro, que representam tanto as aspirações dos jovens quanto a força do movimento educacional no bairro.

Assim pretendo explorar as formas como os movimentos se organizaram e se organizam hoje em dia, em torno de suas reivindicações, seus ideais, e ideologias, e desta maneira verificar como resgatam essa história do bairro através da memória, e desta maneira

verificar se há uma busca pela apropriação da cidade, se essa resistência propõe uma possibilidade de uso.

#### **4.1. A Igreja Católica e libertação dos excluídos.**

A Igreja Católica possuiu uma grande importância para cidade de São Paulo na formação de organizações de cunho social principalmente a partir da década de 1960 quando se encontra revigorada por uma vertente mais progressista, teoricamente embasada pela Teologia da Libertação, que se desenvolveu nos países periféricos, principalmente nos latinos americanos, e pregava a formação política e crítica dos seus fiéis, na luta contra a opressão vivida pelas parcelas mais pobres da população. As CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) nasceram nesta perspectiva, e atuavam na busca de uma intervenção mais direta no cotidiano da população, contribuindo para a formação de organizações de cunho social.

Em Perus a participação da Igreja foi fundamental na construção de uma força coletiva organizada em prol de seus objetivos, inclusive na organização dos trabalhadores da Fábrica de Cimento Portland Perus. Durante o movimento grevista da década de 1960, a igreja católica participou ativamente, cedendo espaço para reuniões, divulgando os encontros, suscitando naquele meio discussões que permeavam a greve. Como relata o padre Matheus “o intuito era acompanhar os grevistas, os encorajando”, ou seja, a igreja principalmente a partir deste período passa a dar suporte às organizações de cunho social existentes.

A igreja que antes estava voltada para um caráter mais devocional, passa a mexer nas raízes das mazelas do povo, “o povo tem que ter formação, o povo tem que tomar as rédeas, reger a sua história”, diz Matheus.

O Padre Matheus chegou a Perus em 1975, saído da Holanda veio ao Brasil com o intuito de unir “trabalho pastoral litúrgico com pastoral social”. Já havia aqui outros padres vindos da Holanda, todos de uma mesma congregação, os Monfortinos que chegaram na década anterior, dentre eles Padre Carlos, que foi embora na década de 1975, logo depois da chegada de Matheus, e o Padre Pedrinho que ficou em Perus até 1985. Ambos se destacaram por representarem importantes figuras na organização entre a igreja e os movimentos sociais, dentre os quais o grupo sindical. Estes padres são lembrados com muito carinho pelas pessoas que conviveram com eles, principalmente por sua posição a favor dos mais pobres, verificada

em citação do Padre Pedrinho em carta recente endereçada a moradores do bairro comunicando o falecimento do Padre Carlos:

*Padre Carlos sabia interpretar a mensagem do evangelho para a vida do povo. Ele era um homem muito social que defendia muito os mais humildes e era corajoso quando no tempo da ditadura brasileira ele ia na frente na fábrica de cimento de Perus dizendo aos trabalhadores que não deviam trabalhar mais se não recebessem primeiro o seu salário. Eles trabalhavam mas meses em seguida não recebiam salário. Pela força da palavra de padre Carlos encontraram coragem para iniciar uma greve. Com isso Carlos corria muito perigo e era perseguido. Ele era um homem social praticando o lema de Abbe Pierre: antes de falar de Deus ao faminto deve dar- lhe primeiro um pão para comer e antes de dar o pão deve procurar o seu direito de exigir o pão de cada dia. Ele me inspirava muito no trabalho também com as comunidades de base em Perus<sup>12</sup>.*

A participação da igreja nos movimentos grevistas sempre foi ativa, porém nem sempre era muito cordial. Comenta Matheus que antes de sua chegada, o também holandês Padre Carlos, que já estava à frente da igreja em Perus desde 1967, começou a mudar o foco da atuação clerical. Durante o movimento grevista realizou uma missa nos portões da fábrica fechada, mostrando claramente o apoio dado a essas pessoas.

Porém Matheus salienta sempre que esse apoio era restrito, não organizavam manifestações, deixavam que a própria população o fizesse, inclusive as reuniões realizadas no salão paroquial, passavam pelo crivo do conselho paroquial por meio de votação. A intensa conversa junto com a população sempre se pautou no sentido de aconselhar e apoiar moralmente suas ações. As ações da igreja e suas posições foram sempre muito cautelosas, medindo esforços suficientes para atender a população grevista e suas necessidades e privações, e a população que não estava inserida nesse movimento, mas que também deveriam ser atendidos pela igreja.

Mesmo cautelosa, podemos falar que a igreja construiu um dos pilares fundamentais para a formação das organizações e movimentos de caráter social, incluindo o movimento operário que possuiu mais visibilidade. Essa força da igreja junto ao movimento sindical é inclusive reforçada pelo sindicalista Sidnei, pois entende que a igreja católica, por meio das CEBs, deu o “suporte necessário para que o movimento pudesse acontecer” e para que fosse aceito pelo restante da população inserida naquele momento conturbado.

Esse lado contestador também é verificado no momento em que é realizado no bairro um movimento a favor da conscientização da população em relação à poluição que a fábrica

---

<sup>12</sup> Carta de Padre Pedro endereçada a moradores do bairro de Perus. Seu conteúdo completo está em anexo. 17 de Julho de 2011.

de cimento emanava diariamente de suas chaminés. O movimento “O pó de cimento esmaga a vida” que teve a frente às mulheres do bairro, muitas donas de casa e participantes da igreja ativamente.

A relação de proximidade existente junto aos moradores daquela época é salientada pelo padre, porém remetendo a momentos pretéritos. Aponta Matheus “quando se falava aqui da Santa Rosa de Lima e de Perus você podia comparar com uma cidade do interior”, relacionando a sociabilidade pautada no convívio entre as pessoas, convívio que em sua visão contribuiu diretamente para a formação dessas organizações sociais, e que também pode explicar a força dos trabalhadores de Perus na construção de uma greve tão longa.

Hoje em dia a igreja ainda possui forte influência na união de algumas organizações de cunho social. As CEBs (Foto 7) ainda resistem agregando parte da população, porém percebe-se de uma maneira geral, uma fragmentação na organização dessa instituição e um progressivo afastamento de seus seguidores.

Foto 7: Comunidade Eclesial de Base Menino Jesus.



Legenda: Comunidade Eclesial de Base localizada no Jardim do Russo, próximo a Rodovia dos Bandeirantes.

Crédito: Pedro Augusto Bertolini Bezerra, Jan/ 2011.

Essa fragmentação, que faz parte do processo de metropolização da cidade, incide em todas as esferas do cotidiano. Como o próprio padre diz, “Perus está ganhando cara de cidade”, ou seja, nota-se a inserção do bairro na dinâmica econômica de desenvolvimento da cidade, observado tanto na sociabilidade dos habitantes do bairro como nas atividades

econômicas que adentram a realidade do lugar.

As festas juninas e as quermesses dedicadas à padroeira do bairro, Santa Rosa de Lima, realizada durante todos os finais de semana do mês de agosto, consegue unir os moradores que freqüentam a igreja em torno de sua realização, e mostra a força que ela ainda possui ao intermediar as relações sociais vigente, aqui no caso, ao fazer uma festa popular. As missas e festas realizadas contam com uma ampla participação da população católica do bairro, e muitas vezes a temática histórica é reavivada nos discursos proferidos durante as celebrações, nos temas festivos etc.

Dessa forma, aquele sentimento de cidade do interior vista anteriormente, é mais uma vez retomado tanto pelos moradores, que se unem em torno de um referencial, quanto pelas pessoas de fora que freqüentam as missas e festas, e observam uma realidade que não se assemelha a metrópole de forma tão clara, mas claro que esse movimento de afastamento também faz parte do movimento dialético da modernização da cidade.

#### **4.2. O Sindicato dos Queixadas e a busca da Firmeza Permanente.**

O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Cimento, Cal e Gesso de São Paulo (Foto 8) possuiu uma importância primordial na formação da unidade entre os moradores de Perus. Suas ações coletivas junto a Fábrica de Cimento Portland Perus e também junto da população fazem parte de um histórico de lutas que, ao longo dos anos foi sendo construído, e teve como auge a greve realizada na década de 1960 com duração de sete anos.

Uma das principais características desse sindicato foi a proximidade e a união que os trabalhadores tinham tanto em suas agendas de reivindicações, sindicato quanto no cotidiano da fábrica e do bairro. Embasados por um modelo de reivindicação de orientação religiosa que buscava seus preceitos em nomes importantes como Gandhi, a “Firmeza Permanente”, modelo este que tinha como lema a “não-violência”, deu força ao movimento operário principalmente a partir das reivindicações de 1958, momento em que surgiu a denominação Queixada para exprimir a força destes trabalhadores.

Foto 8: Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Cimento, Cal e Gesso de São Paulo



Legenda: O “Sindicato dos Queixadas” onde ainda funciona como sindicato da Indústria de Cimento e onde foi realizada a entrevista com Sidnei Fernandes.

Crédito: Google maps.

Ao conversar com Sidnei Fernandes, atual presidente do Sindicato dos “Queixadas”, é clara a necessidade de salientar a força da união dos trabalhadores da fábrica de cimento, como conseguiram manter uma greve por tanto tempo, além de demonstrar que não formaram apenas um movimento pontual, mas sim uma marca que os “Queixadas” deixaram para o cenário sindical e para a população de Perus. Isso é verificado também em seus relatos sobre a atuação do sindicato nos dias de hoje, a relação com outros movimentos atuais e os diversos eventos que resgatam esse histórico de lutas.

Para Gonçalves (1989), que possui um importante trabalho acerca da ação do sindicato de Perus, até o início da década de 1950 o sindicato dos trabalhadores da fábrica de cimento era praticamente inexpressivo, somente a partir de uma greve realizada em 1958 que passa a ter um destaque no cenário sindical. Nesse momento emergiu uma “nova modalidade” de enfrentamento, baseado na força da coletividade, em que esteve em pauta uma relação entre aumento salarial e aumento do preço do cimento. A greve chegou a um ponto crucial no momento em que se cogitou uma redução do ajuste salarial para os trabalhadores se o preço

do cimento não aumentasse além do que achavam que fosse o correto. No final conseguiram um aumento salarial maior do que o esperado em relação ao aumento do cimento.

A partir dessa greve a coletividade construída por esses trabalhadores se destacou dos demais movimentos sindicais trabalhistas, e assim surgiu o termo “Queixada” para designar essa união. Relata Sidnei que em uma assembléia posterior a esse movimento grevista, um dos participantes (o advogado Nelson Coutinho) relembrou suas histórias de caçador, contando que este animal, uma espécie de Porco do Mato, ao se sentir acuado se junta ao seu bando para resistir àquela ameaça, atacando seu agressor. Esse termo tomou força no movimento e passou a ser um forte símbolo de resistência dos sindicalistas da Perus.

A greve dos anos 60, que teve sete anos de duração, pode mostrar a vitalidade deste movimento e a força dos trabalhadores. Para resistir a um tempo tão longo em uma greve, Sidnei apontou algumas alternativas encontradas pelos sindicalistas para suprir as necessidades básicas que esses trabalhadores encontravam para poder assim dar continuidade à luta, como por exemplo, a criação de frentes de arrecadação de alimentos, remédios, financeira etc. Mas também algumas medidas mais diretas, por exemplo, seu pai (também operário da fábrica de cimento) criou uma fábrica de gaiolas para empregar temporariamente os operários em greve, “o pessoal faziam situações para que tivessem um meio de sobrevivência”.

A figura de João Breno, presidente do sindicato na época da greve, e um dos maiores ativistas do bairro, é lembrada ainda nos dias de hoje tanto pelos participantes da greve quanto pelos moradores que reconheciam nele uma liderança fundamental. Sua figura é incontestavelmente a mais forte dentre a população do bairro. Tanto Sidnei quanto o padre Matheus ressaltaram sua importância à frente dos trabalhadores, na organização das assembléias, das reuniões tanto com o sindicato como com a igreja (o senhor João Breno fazia parte do conselho paroquial) e na conscientização do restante da população.

Outra pessoa importante neste cenário era o advogado trabalhista Mario Carvalho de Jesus, um dos maiores responsáveis pelo trabalho de conscientização e teorização do movimento grevista junto aos trabalhadores do sindicato. Este homem representou muitas vezes os trabalhadores em ações judiciais tendo conquistado muitas vitórias como a referente a greve dos sete anos.

Destaca-se neste cenário a grande importância dada à proximidade existente não somente entre os queixadas, mas entre determinada parcela da população de Perus, construindo um imaginário sobre aquela greve e a relação entre os queixadas e todos os que

levaram adiante esse movimento que permanece até os dias de hoje na memória de parte da população.

Evidentemente esta não é uma visão aceita por todos os moradores, inclusive os mais antigos que não participaram da greve e ainda hoje são taxados de “pelegos”. Essa parcela da população que incluiu trabalhadores da fábrica é de certa forma desvalorizada e sua memória é apagada, entretanto eles são parte constituinte da memória coletiva, e por mais que os movimentos sociais, e essa história vitoriosa do sindicato os esqueça, vale salientar que eles também fizeram parte deste momento histórico, e estão inseridos neste contexto contraditório e desigual junto com os grevistas.

A distinção entre as pessoas que participam ativamente e aqueles que não participam de um movimento grevista não pode sinalizar uma dicotomia entre bons e maus, entre os que se importavam e os que não se importavam. Na verdade todos estavam inseridos na lógica perversa do capitalismo industrial, ainda mais trabalhadores excluídos espacialmente e socialmente, podemos talvez os distinguir entre mais e menos politizados. Mas, mesmo assim, devemos ter claro que o sindicato e o movimento operário seguem tendências, obedecem a uma lógica que é também a da aceitação do trabalho e de certa forma da exploração, buscando a mesma finalidade que é a sobrevivência da família.

Contudo, dentre todas estas contradições colocadas, o movimento grevista se tornou definitivamente um marco para o sindicalismo, mas não só, se tornou um importante símbolo de resistência social, algo que extravasou os limites do movimento sindical. O sindicato tornou-se naquele momento, um centro que agregava os interesses da população de Perus, movimentos sociais distintos, lutas diversas, que não diziam somente respeito às reivindicações dos trabalhadores da Fábrica de Cimento. Essas características, mesmo que já esfumadas pelas novas relações vigentes, ainda são verificadas em atividades, encontros, reuniões realizadas junto a outras organizações do bairro com a preocupação sempre de elevar essa história tão importante para a formação do bairro.

Durante a entrevista com Sidnei, algo que chamou a atenção e marca um momento importante na dinâmica de Perus e dos trabalhadores da fábrica, foi o próprio processo de fechamento da Fábrica de Cimento, em que houve uma tentativa de desapropriação do complexo cimenteiro com o intuito de desenvolver uma experiência autogestionária, ou seja, os trabalhadores ligados ao sindicato estavam dispostos a deter os direitos da fábrica e deixá-la funcionando gerindo todas as etapas da produção coletivamente.

*“(...) da primeira vez não deu resultado, tentamos uma segunda vez e chegamos muito perto disto, criamos alianças com movimentos populares, tínhamos uma aliança com a Erundina que possuía uma liderança forte entre os movimentos populares dos sem teto principalmente, criamos até uma frase que dizia o seguinte ‘cimento barato para sair do barraco’, porque sustentávamos que tinham operários querendo tocar a fábrica, porque (...) como o setor é caracterizado até hoje, controlam o preço, a discussão no mercado (...), agente queria quebrar isso” (Sidnei Fernandes)*

O que norteou o ímpeto destes trabalhadores na tentativa de construir essa experiência foi essa união assumida que sempre destacavam como sendo o motivo principal da força do sindicato e de suas lutas. Os queixadas buscaram a partir disso, desenvolver algo peculiar, que não se concretizou devido, dentre outros fatores, as forças antagônicas e muito poderosas que tinham que enfrentar, dentre elas os Abdallas, donos há mais de 30 anos desse empreendimento; a indústria de cimento organizada, que o próprio Sidnei chama de cartel; e o Estado.

Concomitante a esse projeto e ao fechamento definitivo da fábrica, considerado também como continuidade dos movimentos que atuavam a favor dos trabalhadores da fábrica e da população do bairro, desenvolveram um projeto para transformá-la em um Centro de Cultura do Trabalhador, com o intuito de “perpetuar o patrimônio espiritual de Perus (...), retomando a memória para que sirva como alicerce na construção da história que é e que será” (JESUS, 1992, p.86).

Desta maneira foi criada a “Comissão Pró-Centro de Cultura Operária - Perus”, que tinha como argumento trazer a região, tão escassa de aparelhos culturais alguma alternativa a essa defasagem. Primeiramente partiram para proposta do tombamento histórico da fábrica e todo o complexo, o que foi conseguido em 1992 e contou com o apoio da prefeita na época, Luiza Erundina. Foi também especulada novamente a tentativa de desapropriação do complexo, que tinha como prerrogativa um montante de dívidas públicas dos antigos proprietários. Entretanto esta briga feriu diretamente os interesses econômicos dos antigos proprietários, que vem há muito tempo tentando descaracterizar a fábrica e transformá-la em um empreendimento comercial rentável.

Essa luta caminha desde então entre seus altos e baixos, dependendo da administração pública e de quem está no poder, surgem momentos de esperança, mas há algum tempo isso vem arrefecendo junto aos moradores e até mesmo nos movimentos sociais.

Porém, nesse contexto, algumas entidades como o próprio sindicato, a igreja católica e mesmo outros grupos vem organizando eventos que tem como tema principal a memória e história. Destacamos o evento “Noite das Lutas Operárias” que vem sendo realizado desde

2008, organizado por uma comissão composta por pelo Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Cimento, Cal e Gesso de São Paulo, pela Associação dos Aposentados e Pensionistas de Perus, pela Comissão Pró Centro de Cultura do Trabalhador e pela Pastoral Operária.

Destacamos também outros dois grupos que podem trazer ao nosso entendimento, uma visão de como esses temas são trabalhados atualmente, são eles: a escola, que há algum tempo vem trabalhando essa temática no bairro; os jovens, que inseridos em outro tempo mas neste movimento educacional constroem uma consciência do lugar, e nessa perspectiva analisar os alguns eventos atuais, e verificar quem participa e quais os objetivos.

### **4.3. A educação na construção do lugar**

A importância da educação na formação de indivíduos conscientes de sua inserção na comunidade local é fundamental para uma população que luta por seus interesses. Entretanto, a educação básica sempre foi guiada por interesses políticos maiores que não incidiam nesta realidade local, principalmente em momentos como os que estamos trabalhando aqui, posterior a greve da década de 1960, época em que o país era governado pelos militares.

A partir de 1989, um amplo processo de reorientação curricular apontou para a possibilidade de mudanças no ensino, neste momento entrava para o poder o Partido dos Trabalhadores na figura da prefeita Luiza Erundina. Esse foi um momento importante para os movimentos sociais em suas diversas instâncias, pois de certa maneira estavam sendo representadas por este partido que historicamente era ligado desde sua fundação aos movimentos sociais. Isso trouxe uma esperança não apenas aos educadores, mas também a sociedade como um todo, e no tocante a realidade de Perus, aos movimentos sociais ligados ao bairro. É nessa época, por exemplo, que a partir da reivindicação de moradores de Perus, a Fábrica de Cimento e o próprio sede do sindicato em Perus é tombado como patrimônio histórico.

No tocante a educação, esse projeto de reorientação trazia uma série de mudanças no foco das disciplinas escolares, colocava-se em evidência o meio onde o aluno estava inserido, utilizando inclusive os métodos de estudo do meio tão difundidos em Geografia.

Em seu estudo na área da educação que aborda a escola como lugar da memória,

Maria Helena Bezerra (2002), tráz esse movimento de mudança encontrado no contexto escolar, estudando uma escola do bairro, EMEF Cândido Portinari, e como se dava essa ligação entre a história do bairro (incluindo a forte influência dos movimentos sociais) e a ação escolar.

Essa abordagem metodológica da escola em relação a realidade local, não foi verificada pela autora apenas nesse momento de ruptura, mas também foi observada anos após, no momento de realização de sua pesquisa. E o que percebemos é que essa relação nas escolas, ou a relação entre os educadores e a história do bairro aliado aos movimentos sociais ainda estavam presentes de alguma forma no cotidiano escolar, principalmente na figura dos professores que participaram de alguma forma daquele momento de reformulação. Isso pode ser considerado uma “tradição” escolar, que às vezes “facilita” o trabalho educacional pela repetição do conteúdo a ser dado, mas que também encontra respaldo nos movimentos sociais existentes.

Para a autora a escola reproduz de certa forma a cultura encontrada na sociedade, incluindo suas contradições, e nesse momento também trouxe a esperança, mas traz uma ressalva:

*Não significa afirmar que o que é idealizado externamente é realizado pela escola integralmente. Como foi evidenciado em vários momentos, há também por parte da escola um movimento selecionador. A escola reproduz o que lhe interessa reproduzir, o que lhe faz sentido (BEZERRA, 2002, p. 165)*

Essa busca da história pela memória cai muitas vezes em um anacronismo, um relativismo dos acontecimentos vividos, pois as fontes encontradas pelos alunos na construção deste conhecimento local são relatos que trazem uma visão particular sobre o assunto. Há na própria comunidade escolar uma tendência em fazer permanecer certa linearidade encontrada no senso comum em que as histórias são contadas a partir dos “heróis”, ou no caso de Perus, ligadas a idéia progresso ligada à fábrica e resistência ligada ao movimento operário. Não se consegue alcançar qualquer grau de complexidade nas análises sobre a formação do bairro.

Entretanto, acredita-se que mesmo com a existência destas contradições, a escola não perde a sua importância na formação dos indivíduos, inclusive a memória estando inserida na construção de uma visão da realidade e do lugar, o que aproxima o individuo do objeto estudado. Como nos aponta Maria Helena Bezerra “a escola é sim uma instituição possibilitadora da construção da memória coletiva” (BEZERRA, 2002, p. 168).

Na verdade, essa nova possibilidade que a educação passou a aportar no início dos

anos de 1990, e que o bairro participa de forma ativa, vem ao encontro da necessidade dos movimentos sociais em trazer a discussão sobre futuro das instalações da fábrica para a sociedade. Cremos que isso contribuiu de maneira determinante para a permanência de um referencial histórico, dando-lhe uma identidade, que particulariza aquela população em relação as demais localidades.

Destaca-se ainda na atualidade iniciativas de grupos ligados a educação junto ao bairro. O grupo Coruja, formado por moradores de Perus inseridos em movimentos sociais e por professores, vem desenvolvendo no bairro um trabalho de formação muito interessante. Nos últimos três anos, uniram forças a Universidade de São Paulo em um trabalho de extensão universitária, para desenvolver o “Café Filosófico”, uma série de debates, geralmente mensais, com professores da USP que tem como tema central “memória e história”.

#### **4.4. Os jovens e suas mobilizações**

A partir desta referência acerca da ação das escolas do bairro na construção de um pensamento sobre o lugar a partir dos fatos históricos e da memória local, tentou-se compreender como os jovens estão assimilando essa informação já há tempos difundida nos movimentos sociais de Perus, e quais as suas ações, mobilizações e pensamentos em relação a isso. A pesquisa citada anteriormente nos traz a informação que até o começo dos anos 2000, a escola contribuiu ativamente na permanência desta temática no meio social, mas e hoje, passados mais dez anos, esse referencial ainda é recorrente?

Para responder essa pergunta algumas atividades foram realizadas junto a duas escolas públicas de Perus. A primeira foi o desenvolvimento de um estudo do meio com alunos da quinta série do ensino fundamental da escola municipal Cândido Portinari, e a segunda intervenção se pautou na realização de uma série de entrevistas com alunos do primeiro ano do ensino médio da escola técnica estadual Gildo Marçal Bezerra Brandão.

O estudo do meio desenvolvido fez parte de um estágio de licenciatura realizado junto à disciplina “Estágio Supervisionado em Geografia e Material Didático”<sup>13</sup>. O grupo ao qual eu pertencia realizou o trabalho com duas quintas séries, enquanto a professora de

---

<sup>13</sup> Esta disciplina faz parte da licenciatura do curso de Geografia da USP.

Geografia da escola, Célia, realizava com as outras, ao todo foram seis quintas séries que realizaram o trabalho. Assim a partir da vida cotidiana dos alunos, construímos juntos um trabalho de campo, tendo em vista a vivência, os referenciais e eventuais questionamentos que tais alunos fizeram do espaço que habitam.

Durante cinco encontros que tivemos com os alunos, conseguimos discutir alguns pontos que visivelmente fazia parte da vida deles. Como resultado final produzimos uma caderneta para o trabalho de campo com textos e desenhos elaborados pelos alunos. Importante salientar que no dia da saída com todas as quintas séries da escola, outros professores, de outras matérias contribuíram participando do evento não apenas acompanhando os grupos, mas contribuindo com as discussões suscitadas.

Percebemos claramente que esse trabalho de suscitar aspectos referenciais do lugar em que habitam os alunos, já era de alguma forma realizada por aqueles professores, principalmente os que já lecionavam naquela escola há algum tempo, escola esta que foi o foco de estudo do trabalho de Maria Helena Bezerra comentado há pouco. Na verdade essa prática, ainda resiste de uma maneira mais fraca, mas constitui uma importante metodologia de ensino para alguns professores.

Para as crianças, o mais interessante foi conseguir observar por meio de fotos de satélites e mapas a suas casas, e a partir dessa referencia trabalhar outros pontos fundamentais para o entendimento daquele lugar. Além disso, a importância dos pontos destacados (Fábrica de Cimento, Estação de Trem, Cemitério dentre outros) foi apontada pelos alunos no próprio trabalho de campo, uma vez que questionavam o caminho feito por não passar em todos os lugares trabalhados em sala, claro que por motivos de distância, mas que para eles, por estarem acostumados àquela realidade, não se colocava como empecilho.

Na atividade realizada com alunos mais velhos, foram entrevistados oralmente seis alunos e por meio de questionário outros quinze. A maioria entre 15 e 16 anos, moradores de Perus, com exceção de dois destes alunos. Todo esse trabalho foi realizado em conjunto com o professor de Geografia da escola, Márcio, que acolheu a pesquisa com bastante respeito e interesse uma vez que já havia trabalhado em sala de aula questões relacionadas à história do bairro.

Dos alunos entrevistados oralmente (Vinicius, Ícaro, Giovana, Morgana, Amanda e Roberto), quando perguntados se já haviam tido contato com a história do bairro e quem lhes apresentou essa temática, todos responderam que já haviam tido contato e sobressaíram duas fontes: a escola, inclusive a do ensino fundamental (vale lembrar que o professor há pouco

havia trabalhado essa temática com eles), e os familiares, principalmente avós dos alunos que participaram de alguma maneira daqueles eventos. Mesmo aqueles alunos que não nasceram naquela localidade, sua ida ao bairro têm por intermédio amigos ou familiares que já o habitava, ou seja, a relação familiar aparece como fundamental na formação de uma consciência acerca do lugar em que vivem e seus referenciais históricos.

Para os alunos que responderam o questionário, suas referências em relação à história de Perus também são a escola e os familiares. Quando questionados quais as principais referências que poderiam apontar sobre bairro, a grande maioria apontou a Fábrica de Cimento e a Estação Ferroviária. Porém alguns, notadamente os mais novos no bairro e os dois alunos que não moram em Perus apontaram como característica principal o “crescimento desordenado”, “um bairro não muito bonito, bagunçado e barulhento”, marcas que podem ser encontradas em diversas outras localidades da cidade de São Paulo, ou que podem ser apontadas como formas homogêneas que o processo de metropolização imprimiu a cidade, e neste caso, as periferias.

Dentre as entrevistas destaco a conversa com Roberto, 15 anos, morador do Recanto dos Humildes, característico por ser uma ampla área de ocupações irregulares, não possuir uma infra-estrutura básica e possuir grandes problemas ligados a violência e ao tráfico de drogas. Sua família chegou no momento em que ocorre, no início da década de 1990, a ocupação irregular desta área<sup>14</sup>, sendo assim não possui ligação alguma com a história mais antiga do lugar, e isso transparece em sua fala. Ao ser questionado sobre a importância do conhecimento da história do local em que vive comenta “conhecer a história não muda em nada, saber tudo isso não vai mudar nada” e quando perguntado quais os referenciais do bairro em sua opinião, é taxativo ao dizer “a favela (Recanto dos Humildes) e o tráfico”.

Sua opinião em relação ao lugar em que mora representa claramente o processo de fragmentação que a cidade viveu e ainda vive. Esse foi o único aluno, dentre os entrevistados (oral e questionário) que aponta uma divisão espacial interna de Perus, para quem os diversos acontecimentos que contam a história do bairro (fábrica de cimento, queixadas, greve, lixão etc) não constituem um referencial para sua vida ou de seus familiares.

Não generalizando a análise, mas a partir da vivência no bairro, acreditou-se ser esta a visão da maioria dos moradores daquela área, e de algumas outras ocupações novas, que de certa maneira apresentam particularidades que os distinguem, dentre elas a maioria imigrantes

---

<sup>14</sup> Esta localidade no início do governo da prefeita Luiza Erundina, havia sido destinada a ser uma área de construção de moradias populares em um programa de mutirão, mas que no governo posterior de Paulo Maluf a iniciativa fora abandonada e a área toda ocupada.

nordestinos, de baixíssima renda, que convivem com as agruras da violência tanto por parte do poder público como por parte do poder paralelo que representa o crime organizado.

Porém queremos deixar claro esse sentimento de coesão e fragmentação do lugar representa a dialética da produção do espaço no sistema capitalista de produção, ainda mais inserido na dinâmica metropolitana de São Paulo. Essas contradições são inerentes a todo processo de urbanização da cidade, mas é acelerado e mais protuberante nas últimas décadas, a partir da ampla concentração de capital e do gigante processo migratório de periferização que ela sofreu.

Apesar dessa análise nas escolas estar inserida no cotidiano escolar e nas suas práticas, não queremos restringir as ações e concepções da população jovem ao espaço escolar. Na verdade, escolhemos destacar essa incursão neste tópico e não no anterior pela força dos sujeitos que estão construindo um pensamento acerca da realidade que está à sua volta, ou seja, a formação do jovem é a finalidade última das escolas.

No bairro encontramos alguns grupos constituídos por jovens que em suas atividades buscam resgatar alguns elementos de sua memória coletiva, seu histórico na luta sindical, dos movimentos de base, da igreja etc. Assim destacamos três grupos que no desenrolar da pesquisa manteve-se contato através de atividades e iniciativas notadamente influenciadas por essa visão que é encontrado em Perus, são eles o grupo “Quilombaque”, o grupo de teatro “Pandora” e a “Fábrica do Conhecimento”.

A Comunidade Cultural Quilombaque é um grupo organizado por jovens moradores de Perus, que se destaca por organizar atividades culturais como cursos, oficinas, teatros, cinemas, palestras e diversas outras atividades, muitas relacionadas à questão racial. O grupo de teatro Pandora, também é composto por moradores do bairro e difundem sua arte através desta atividade, a primeira peça escrita por eles faz referência a história de Perus e é encenada em diversos eventos realizados no bairro. A Fábrica do Conhecimento é um cursinho de caráter popular, que utiliza o espaço do sindicato para realizar suas atividades.

Esses grupos de alguma forma estão inseridos nessa realidade de reavivamento da memória coletiva, e tentam buscar nela elementos de resistência para unir a suas crenças e reivindicações.

## 5. Considerações finais

A modernização da cidade pode ser entendida a partir dos processos de reestruturação material pelo qual ela passa, ligada a introdução da indústria e de um novo padrão de consumo. Nesse sentido a lógica que rege a produção da cidade, também irá reger os momentos da vida social, as relações sócias, e, assim podemos falar que essa lógica adentra no cotidiano nas cidades do século XX. São percebidas mudanças drásticas em relação à cidade que a antecede, culminando nos processos aqui comentados de homogeneização, fragmentação do espaço e hierarquização dos lugares, típicos da formação da metrópole.

Em São Paulo, o processo de metropolização da cidade tomou proporções inimagináveis para uma vila provinciana que era observada até meados do século XIX. Esse crescimento, embalado pela crescente indústria induziu até as mais remotas localidades fatores modernizantes e ao modo de vida urbano. Há a mudança gradativa de uma vida de bairro para uma vida urbano-industrial, ou seja, o bairro antigo é suprimido e novos referenciais vão sendo constituído nesse modo de vida urbano que passa a tomar conta da maior parte das localidades.

O bairro de Perus, inserido nessa realidade, foi sofrendo grandes mudanças relativas à sua paisagem, arruamentos, comércio, demografia, dentre outros pontos, chegando aos dias atuais a uma grande escassez de recursos, infra-estrutura, saúde, segurança, características típicas da imensa periferia que foi se formando com o crescimento de São Paulo. Desta forma, a modernização é carregada de contradições, como as que foram investigadas durante este trabalho em que a memória coletiva da população em alguns momentos aparece como uma forma de resistência a modernização da cidade.

São os movimentos sociais urbanos que fazem aparecer as contraditoriedades para o restante da sociedade, reivindicando seus direitos dentro do modo de produção vigente, direito que muitas vezes alcançam apenas pequenas parcelas da sociedade. Os movimentos sociais analisados neste trabalho foram diferenciados em quatro grupos distintos, o sindicato, a igreja, os educadores e os jovens, buscando expor as contradições a partir da ação de tais grupos, remetendo à memória, a sociabilidade de outras épocas e ao forte movimento operário ligado a Fábrica de Cimento.

Os grupos aqui expostos destacam-se em momentos distintos, mas podem ser considerados a partir de um encadeamento de acontecimentos que os ligam de alguma

maneira. A Igreja aparece como a primeira entidade a unir a população em torno de propostas bem definidas de ações sociais, amparadas por uma linha progressista, iniciou uma formação social e política. Essa forma de ação da igreja influenciou diretamente o sindicato dos trabalhadores da Fábrica de Cimento de Perus, que estavam iniciando suas grandes lutas e acabaram fazendo história na luta sindical não só da cidade, mas do país, principalmente pela sua forma de luta. Esses dois grupos foram os precursores no bairro e apontaram para uma forma de luta mais incisiva, mas sem violência, em que a união de seus moradores quebrava barreiras quase que intransponíveis.

A memória de lutas e conquistas destes grupos incentivou a formação de outras organizações mais recentes, a pronunciar seus ideais. Dessa maneira surge o movimento educacional, influenciado também pela atuação do governo municipal no início da década de 1990, e os movimentos de jovens na atualidade. Ambos unem suas reivindicações a força dos movimentos sociais do passado, edificando uma linha de ação que atinge todos os movimentos de caráter social do bairro.

Nos casos observados, a memória aparece como meio de resistência dos movimentos sociais do bairro, e vai se configurando nessa população um caráter identitário, amparados por seu passado de lutas e conquistas dentro do movimento operário, e que traz consigo um modo de vida pretérito, onde a socialização era mais forte e o convívio uma marca do bairro. O que os identifica enquanto grupo além das condições sócio-econômicas, é a retomada do passado como um símbolo de resistência atual, que também pode ser considerada uma característica que os une enquanto grupo social local.

Entretanto, devemos ressaltar o caráter periférico do bairro que em determinado período passou a acolher parte da grande massa de migrantes que chegavam a São Paulo em busca de uma nova vida, deixando muitos aspectos de suas vidas para trás, mas trazendo consigo sua vivência e suas lembranças do lugar que saíram. Dessa maneira há uma contradição vista entre a história local e a força da memória na construção do lugar, e a memória dessa massa de pessoas que carregam particularidades.

Esse fator constrói uma nova forma de apreciação da realidade local, em que ambas as partes influenciam a formação de um novo pensamento em relação ao lugar. Percebemos em Perus que as lutas remetendo à memória continuam vigentes no bairro, graças a força destes movimentos que atingem grandes públicos de todas as camadas sociais (a igreja e a escola, por exemplo), mas percebemos também a formação de localidades que de certa forma se apartam da unidade que o bairro transmite, ou transmitia, aos seus moradores.

Esta se torna uma questão que foi construída no decorrer da pesquisa: qual a força que possuem esses movimentos sociais em relação à massa de moradores novos, migrantes das mais variadas localidades do Brasil. Eles vão incorporando aspectos tanto de um quanto do outro, mas o quanto isso fortalece uma unidade ou a fragmentação das relações sociais na cidade.

A pesquisa que propusemos realizar favoreceu a compreensão da forma que o bairro foi tomando no decorrer do tempo, e a importância que os movimentos sociais tiveram e ainda tem na construção de uma nova consciência em relação ao seu espaço de vivência. Movimentos que foram importantes tanto na mudança de um caráter de bairro, no momento em que passa a ser integrado na modernização da cidade e a formação da metrópole, mas que também foram importantes enquanto resistência a essa modernização utilizando a memória como contestação.

Para que possamos entender o bairro, devemos entendê-lo como parte integrante de um todo, que hoje aparece como metrópole inserida no modo de produção capitalista. Entender esse movimento de integração das mais diversas instâncias à lógica vigente, traz também a compreensão de sua contraposição como resistência, justamente por estarmos falando de uma realidade contraditória. Em Perus, conseguimos compreender como a resistência se coloca, utilizando os mais diversos recursos para contestar sua exclusão no âmbito da cidade, nesse caso a memória.

Dessa forma a ação e a reflexão se unem ao se difundirem, na possibilidade de novas resistências contra a exclusão que cada vez mais se coloca de forma cruel na realidade das pessoas, incidindo de vez no cotidiano. A rememoração deve ser colocada, mas de forma consciente e crítica junto à realidade posta, de forma a não reproduzir as desigualdades historicamente constituídas, para que assim se possa alcançar outra forma de se viver a cidade. Por mais que em Perus essa resistência atinja a crítica fundamental (da reprodução do modo de produção capitalista), mesmo que não explicitamente, ela deve continuar sendo feita e aprofundada, para que busque um elemento primordial, a apropriação da cidade.

## 6. Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BEZERRA, Maria Helena Bertolini. *História e memória: A companhia de cimento portland Perus e os movimentos sociais do bairro na prática pedagógica da escola municipal Cândido Portinari*. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

BEZERRA, Marcio Antonio Melhado. *A cimento Perus e a industrialização paulista e brasileira*. Trabalho de Graduação Individual. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

BOSI, Éclea. *Memória e Sociedade – lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaio de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2008

CHAVES, Marcelo Antonio. *Da periferia ao centro da capital: Perfil dos trabalhadores do primeiro complexo cimenteiro de Brasil*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Campinas, Campinas, 2005.

DAMIANI, Amélia Luisa. Urbanização crítica e situação geográfica a partir da metrópole de São Paulo. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. *Geografia de São Paulo: representação e crise da metrópole*. São Paulo: Ed. Contexto, 2004. p. 19 – 58.

FRANGIOTTI, Nanci. *O espaço do carnaval na periferia da cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007

GONÇALVES, José Adilson. *Perus: a violência dos pacíficos. Uma nova arma para uma velha luta*. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David, *A condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

JESUS, Mário carvalho de (org.). *Cimento Perus: quarenta anos de ação sindical transformando velha fábrica em centro de cultura municipal*. São Paulo: JMJ, 1992.

LANGENBUCH, Jurgen Richard. *A estruturação da grande São Paulo – estudo de geografia urbana*. Rio de Janeiro – IBGE, 1971.

MONBEIG, Pierre. *O estudo geográfico das cidades*, In: Revista do Arquivo Municipal – Ano VII – vol. 73, São Paulo, 1941. p. 7 – 29.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Ideologias Geográficas*. São Paulo: Hucitec, 2002.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Edusp, 2002.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima, *Urbanização e Fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole*. Tese (Livre Docência em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. São Paulo: a cidade, os bairros e a periferia. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino, *Geografias de São Paulo: representações e crise da metrópole*. São Paulo: Ed. Contexto, 2004. 271 – 311p.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. A insurreição do Uso. In: MARTINS, José de Sousa (Org.). *Henri Lefebvre e o Retorno a Dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Urbanização: Bairro e vida de bairro. Revista Travessia, São Paulo, n. 38, p. 11 – 17, 2000.

SILVA, Armando Correia da. *Metrópole ampliada e o bairro metropolitano, o caso de São Paulo: o bairro da Consolação*. Tese (Livre Docência em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

SIQUEIRA, Elcio. *Companhia Brasileira de Cimento Portland Perus: contribuição para uma história da indústria pioneira do ramo no Brasil (1926 – 1987)*, Dissertação (Mestrado em História Econômica), Faculdade de Ciências e Letras da Universidade estadual de São Paulo, Araraquara, 2001.

SOJA, Edward. *Geografias Pós-Modernas: A reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

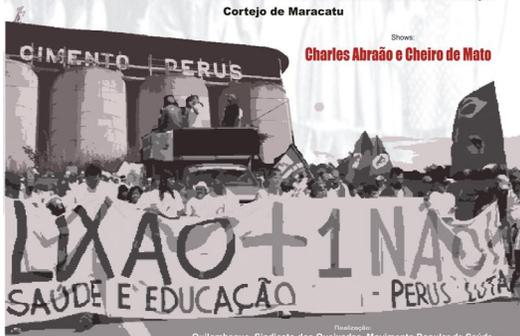
## Anexos

### Anexo 1: Carta do padre Pedrinho.

Ola, Regina e Mário, um dia depois que lhes mandei o meu email, eu recebi a triste noticia que faleceu aqui na Holanda o nosso querido Padre Carlos Knibbeler que trabalhou muitos anos comigo em Perus. Padre Carlos já estava muito doente e a morte não veio totalmente inesperada, mas mesmo assim me deixou muito triste. Ele tinha 89 anos de idade. Padre Carlos sabia interpretar a mensagem do evangelho para a vida do povo. Ele era um homem muito social que defendia muito os mais humildes e era corajoso quando no tempo da ditadura brasileira ele ia na frente na fábrica de cimento de Perus dizendo aos trabalhadores que não deviam trabalhar mais se não recebessem primeiro o seu salário. Eles trabalhavam mas meses em seguida não recebiam salário. Pela força da palavra de padre Carlos encontraram coragem para iniciar uma greve. Com isso Carlos corria muito perigo e era perseguido. Ele era um homem social praticando o lema de Abbe Pierre: antes de falar de Deus ao faminto deve dar lhe primeiro um pão para comer e antes de dar o pão deve procurar o seu direito de exigir o pão de cada dia. Ele me inspirava muito no trabalho também com as comunidades de base em Perus. Vocês conheceram também padre Carlos quando eram pequenos?

Na quinta feira dia 23 eu vou para o funeral em Limburg, bem longe daqui mas eu me sinto obrigado a fazer isso, também em nome do povo de Perus e da Paróquia S.Rosa de Lima. Em Perus deve haver também nestes dias uma comemoração e oração. Para padre Carlos. Grande abraço Pedrinho em Rotterdam.

### Anexo 2: Alguns eventos ligados a história e memória do bairro.

 <p><b>Prof. Dr. Francisco Capuano Scarlato</b> (Professor Colaborador Sênior do Departamento de Geografia/ FFLCH/USP)</p> <p><b>Tema: Direito à Memória</b> <b>Título: Ocupação Urbana e Impacto Ambiental</b></p> <p>Data: 26/09/2009 às 15h Local: Sindicato dos Trabalhadores da Ind.do Cimento Cal e Gesso de Perus ("Os Queixadas") Endereço: Rua Padre Manoel Campelo, 182 – Perus Telefone: 3917- 0824</p> <p><b>Apoio:</b></p> 	<p><b>"A história de um lugar construída e contada por seu povo"</b></p> <p>Festa de comemoração das lutas e conquistas de Perus março 2011</p> <p>Caminhada Cultural por Perus da associação Nova Esperança no Recanto do Humildes até a sede do sindicato dos Queixadas com apresentação de teatro, musica, cinema e fotografia nas ruas.</p> <p><b>Data: 26 de março de 2011 as 15hs</b> <b>Concentração: avenida Recanto dos Humildes n.100</b></p> <p>Participações: Sarau Poesia na Brasa projeto Guri teatro Pandora bateria do Valença teatro Guarus netos de Queixadas Comunidade Cultural Quilombaque Cortejo de Maracatu</p> <p>Show: <b>Charles Abraão e Cheiro de Mato</b></p>  <p>Quilombaque, Sindicato dos Queixadas, Movimento Popular de Saúde</p>
--	--